

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ORIENTAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E LITERATURA
ÁRABE

ANA LUCIA PEREIRA DA SILVA

O ISLÃ SOB A ROMÃZEIRA DE TARIQ ALI

V.1

São Paulo

2010

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ORIENTAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E LITERATURA ÁRABE
ANA LUCIA PEREIRA DA SILVA

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Língua e Literatura Árabe do Departamento de
Línguas Orientais da Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo, para a
Obtenção do título de Mestre em Letras.
Orientador: Prof. Dr. Mamede Mustafa Jarouche

V.1

São Paulo

2010

Ao divino Mestre,
que me ensinou que é através das adversidades,
da perseverança e do árduo trabalho
que encontramos o caminho da evolução;

A meus pais Teresinha e Moacyr,
que me ensinaram a ética,
a disciplina, o respeito e o espírito de luta;

A meus irmãos Rogério e Moacyr,
que estão comigo em todos os momentos dessa jornada

AGRADECIMENTOS

Ao orientador e amigo professor MAMEDE MUSTAFA JAROUCHE, por ter me dado a oportunidade de realizar esse sonho;

À amiga e professora SAFA ALFERD ABOU CHAHLA JUBRAN, pelas valiosas sugestões no momento da qualificação;

À irmã e amiga ELIETE MARIA DOS SANTOS AZZATO, pela orientação e paciência em todos os momentos da minha vida e, principalmente, na construção e revisão dessa dissertação;

Ao meu irmão MOACYR SILVA JÚNIOR, pela leitura crítica e pela orientação;

À Amiga MARISA RODRIGUES DA SILVA SANTOS, por todo o apoio, pela ajuda e por me ouvir nos momentos de angústia, tristeza e alegria;

Ao amigo RAFFAELE NUZZO, pela paciência em organizar e produzir a diagramação desse trabalho;

Ao amigo FERNANDO DE SCHUELER PEREIRA DA COSTA, pela orientação dos fatos históricos, imprescindíveis à fundamentação teórica do trabalho, pelo empréstimo de material, e, principalmente, pela amizade e compreensão durante todo o processo;

Ao meu amigo CARLOS ROBERTO WATARAI, pela ajuda na disponibilização das minhas aulas, facilitando meus estudos;

A todos os meus alunos da EE Alfredo Inácio Trindade e EMEFM Vereador Antonio Sampaio, que fazem com que minha luta pelo aperfeiçoamento seja infundável e o meu amor pelo ato de ensinar seja a razão de minha existência.

SUMÁRIO

RESUMO.....	06
ABSTRACT.....	07
1. PALAVRAS... ..	08
2. O ROMANCE HISTÓRICO E A REALIDADE.....	10
3. TARIQ ALI E A LITERATURA.....	22
4. O ISLÃ SOB A ROMÃZEIRA DE TARIQ ALI.....	28
4.1. O Domínio Muçulmano	34
4.2 O Processo de Reconquista	44
4.3. Granada: última taifa conquistada.....	50
4.4. A Narrativa Ficcional.....	54
A. O Auto de Fé	56
B. A Inquisição Espanhola	62
C. O Papel da Mulher	66
D. Os Cristãos-Novos	69
4.5. A Metáfora no Jogo de Xadrez de Yazid	73
4.6. Outro romance histórico sobre a Reconquista	77
5. ... FINAIS... ..	81
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	83

RESUMO

SILVA, Ana Lucia Pereira da. **O Islã sob a Romãzeira de Tariq Ali**. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Letras e Ciências Humanas – Departamento de Línguas Orientais - Universidade de São Paulo, 2010.

A partir da análise do romance **Sombras da Romãzeira**, do escritor paquistanês Tariq Ali, a dissertação aborda a importância da civilização árabe na construção da cultura espanhola antes do período de Reconquista e o processo de expulsão de judeus e mouros, em virtude do fundamentalismo religioso cristão.

Palavras-chave: Contribuição Árabe - Reconquista – Dominação Cristã.

ABSTRACT

SILVA, Ana Lucia Pereira da. **Islam under Tariq Ali's Pomegranate tree** .
Dissertation (Master). Faculdade de Letras e Ciências Humanas – Universidade de
São Paulo, 2010.

This work has the purpose to analyse the first Tariq Ali's Islam Quintet Novel **Shadows of the Pomegranate tree**, according to the historical process of Reconquest, the Moorish cultural contribution in Spanish society and the presence of Catholic Fundamentalism in the Inquisition period of this nation.

Key-words: Arabian Contribution –Reconquest - Catholic Fundamentalism

1. PALAVRAS...

Analisar um romance histórico traz incertezas e, ao mesmo tempo desafios: qual é a linha que separa o real do ficcional? O autor desse tipo de romance pode ser considerado um historiador? Qual a relação existente entre o Passado e o Presente? Um romance pode reverter um conceito estigmatizado, estereotipado, de um segmento da sociedade, de um universo de crença, a partir de informações presentes na História e totalmente desconhecidas pela maioria dos leitores?

O presente trabalho consiste na análise de *Sombras da Romãzeira* do escritor paquistanês Tariq Ali, o primeiro romance histórico de um conjunto de narrativas denominado “quinteto islâmico”, cujos objetivos primordiais do estudo realizado são: informar, através da Literatura, a grande contribuição da cultura muçulmana na construção do conhecimento humano em várias áreas, tendo a nação espanhola como porta de entrada desse universo cultural, pouco estudada por historiadores, além de abordar os últimos momentos de judeus e, principalmente, muçulmanos nos processos de Reconquista e Inquisição ocorridos na península ibérica, cujos resultados culminaram no desmembramento político, social e cultural cultivados pelos fiéis do Islã por séculos:

São incontáveis os fragmentos do universo andaluz que podem ser vistos no nosso universo, e alguns deles têm conexões palpáveis com as realizações culturais extraordinárias que outrora adornaram seu universo nosso universo. (Menocal,2004,p.271)

Esta dissertação terá os seguintes eixos temáticos: o panorama teórico sobre o estudo do romance histórico, desde a Antiguidade até os dias atuais; a leitura interpretativa da obra de Tariq Ali, com o auxílio da História na elucidação de dúvidas e, por fim, a abordagem de pontos de similitude e discordância com a obra *Granada*, da autora egípcia Radwa Ashour.

Além do levantamento das obras disponíveis em inglês, português e espanhol sobre o tema, essa dissertação fez uso de diversas publicações sobre o escritor, entrevistas concedidas em diversos periódicos tanto impressos quanto online e, eventualmente, de contatos diretos da autora com o próprio Tariq Ali por meio de mensagens eletrônicas.

2. ROMANCE HISTÓRICO E A REALIDADE: O GRANDE DILEMA.

“Se o autor considera uma situação histórica como uma possibilidade inédita e reveladora do mundo humano, ele vai querer explorá-la tal qual é. Não importa que a fidelidade à realidade histórica seja coisa secundária em relação ao valor do romance. O romancista não é nem historiador nem profeta: ele é explorador da existência.”

(Milan Kundera)

A revolução instaurada pela novela social realista do século XVIII a partir da apresentação de costumes e da psicologia de personagens pertencentes a diferentes segmentos da sociedade em uma determinada época, bem como a aproximação da realidade ao universo ficcional, trouxe importantes transformações à história universal da literatura, além de provocar discussões sobre as diferenças que marcam o historiador e o escritor na construção de seus textos.

Considera-se que o Romance Histórico nasceu, efetivamente, na Inglaterra, no início do século XIX, com a publicação de *Waverley*, de Walter Scott, em 1814, como resultado de experiências e conhecimentos adquiridos com o gigantesco processo de transformação econômica que preparou a nação inglesa tanto social como economicamente para a Revolução Industrial, além do advento da Revolução Francesa, com o apogeu e declínio do poder napoleônico.

A partir desses eventos, produziu-se a mentalidade de que a História faz parte de um processo ininterrupto, cujas mudanças em âmbito coletivo e social se refletem diretamente no universo individual.

Com isso, o indivíduo passa a perceber que sua existência está atrelada a um processo histórico, já que não existe separação estanque entre as ocorrências do cotidiano e os interesses imediatos que despertam a atenção do leitor devido à variedade e à multiplicidade de imagens que a realidade oferece.

A obra de Walter Scott influenciou todos os gêneros literários de sua época: ele introduziu a extensa descrição dos costumes, das circunstâncias que

nortearam os acontecimentos em suas obras, o caráter dramático da ação e o importante papel do diálogo no romance.

Embora seus sucessores tenham alcançado maior dialética, profundidade e poesia na composição das personagens, Scott é reconhecido pela vivificação de tipos histórico-sociais, tornando-os o centro da representação da realidade:

*“Busca o ‘caminho do meio entre os extremos, além de mostrar poeticamente a realidade histórica desse caminho, baseando-se para isso na elaboração literária de grandes crises que fazem parte da história inglesa”.*¹

É indiscutível que os pontos que orientam o romance histórico são a matéria narrada, que deve ser de cunho histórico, a ligação com elementos documentais e a pressuposição da familiaridade do leitor com o fato histórico abordado.

Entretanto, com o surgimento desse tipo de romance, tanto autores como críticos literários procuram superar o problema de referencialidade. Ao fazer uma revisão da literatura, nota-se a constante preocupação de distintos autores, em vários momentos, em discutir a diferença entre um texto escrito por um historiador ou por um escritor de romance histórico.

Antes de iniciarmos nossas breves referências a autores, a partir do século XIX, cujos textos, direta ou indiretamente, serviram como referência teórica ou prática ao romance histórico, é de estrito dever notar que a questão da relação da realidade e da ficção é antiqüíssima. Como é notório, retificando a idéia platônica de que o poeta é um imitador de simulacros, distanciando-se, por essa razão, da realidade, e ficando isento de seu compromisso com a verdade, a *Poética* aristotélica, em seu capítulo IX, foi o primeiro texto a demarcar limites entre o papel do historiador e o do poeta, condição análoga à de produtor de discursos ficcionais. Parafraseando Aristóteles, a obra histórica tem como base a narrativa de acontecimentos por assim dizer “reais”, ao passo que a ficcional trata de fatos que poderiam ter acontecido. Outra correspondência aristotélica verificável no

¹ LUKÁCS, 1995, p.32. “Busca el ‘camino medio’ entre los extremos y se afana por mostrar poéticamente la realidad histórica de este camino, basándose para ello en la elaboración literaria de las grandes crisis de la historia inglesa.”

romance histórico em geral, e no romance ora estudado em particular, é o foco que tanto o historiador como o poeta usam para abordar a realidade. O historiador vislumbra o particular, enquanto o poeta aborda o universal para expressar-se, tornando seu texto mais filosófico e, conseqüentemente, mais digno de atenção.

Porém, para nos atermos a uma relação sucinta de autores cujos trabalhos são fundamentais para o gênero romance histórico, relatamos o seguinte:

- Edmond Goncourt, escritor francês, crítico, editor e fundador da Academia Goncourt, e seu irmão Jules Goncourt em *Literatura Francesa* abordam o papel documental realista do romance, assemelhando esse tipo de texto à História: o historiador está preso aos documentos escritos, a acontecimentos pretéritos, ao passo que o romancista serve-se de documentos narrados ou extraídos da natureza para expressar-se.
- Balzac em sua obra *Prefácio à Comédia Humana* se propõe a escrever a história de costumes, com ênfase aos fatos constantes, cotidianos, secretos ou patentes, aos atos que vislumbram o individual.

Para ele, nem sempre o historiador consegue reconstituir o passado. A história de costumes pode sanar esse aspecto negligenciado pelo historiador que se preocupa em narrar acontecimentos da vida pública das nações.

- Baculard d'Arnaud, escritor e dramaturgo francês, em seu *Discours sur Le Roman*, em 1745, sustentava a idéia de que a história preocupa-se com adventos incomuns, ao passo que o romance trata de tema corriqueiros e, portanto, tem sua utilidade moral.
- Henry Fielding, romancista inglês, afirma que o romance é superior à história, embora admita que o romancista possa cometer erros quanto a detalhes factuais, mesmo que as pessoas sejam pintadas como realmente são.

- Stephen Bann, professor de História da Arte da Universidade Bristol, em *As invenções da história: ensaios sobre a representação do passado*, argumenta que o romance histórico, ao se libertar da retórica, assume paradigma histórico.

- Alfred de Vigny, poeta francês, traz em *Réflexions sur La vérité dans l'art* a dicotomia autoria individual (romance) / autoria coletiva (povo/história). Para ele, os fatos históricos são importantes somente quando eles contemplam a exemplaridade, afastando-se do aspecto documental e trazendo consigo a generalidade: “a história é um romance do qual o povo é o autor” (BASTOS, 2007, p. 28).

- Amado Alonso, filólogo, lingüista e crítico literário espanhol, naturalizado argentino, relata em *Ensayo sobre La novela histórica* que os romancistas preocupam-se demasiadamente com o “material intelectualmente conhecido” (BASTOS, 2007, p. 28), relegando ao segundo plano a criação poética: os autores de obras ficcionais procuram se empenhar ao máximo que podem para serem historiadores, ao invés de exercer seu verdadeiro ofício.

Para Alonso, o romancista histórico deve reconstituir o passado permitindo a apreensão de um sentido de forma particular, atribuindo novo sentido, além do histórico. Segundo ele, a perspectiva textual deve ser levada em conta, já que ela

... consiste na perspectiva externa do historiador que deseja explicar os acontecimentos ‘observando-os criticamente de fora e costurando-os com um fio intelectual’, contrariamente ao poeta, que deseja ‘vivê-los por dentro’, graças à prerrogativa do autor de instalar-se na interioridade de suas personagens. (BASTOS, 2007, p. 30)

- E.M. Foster, romancista britânico, sustenta a idéia, em sua obra *Aspectos do Romance*, de que o ficcionista é capaz de captar a interioridade das personagens, mesmo aquelas com procedência histórica, além de abordar a oposição entre interioridade e exterioridade. O historiador trata de ações e do caráter dos homens até suas ações poderem ser deduzidas. O romancista tem o poder de revelar o que se encontra oculto, o que está nas entrelinhas.

Segundo Foster, o romancista é superior ao historiador, visto que o primeiro tem um conhecimento pleno, irrestrito de suas personagens. Esse conhecimento a respeito de uma personagem pode ser repassado ao leitor.

Desse modo, o romance histórico tem a função complementar à do historiador não só do ponto de vista cronológico, mas também na tarefa de construir uma imagem perfeita do passado.

- José A. Pereira Ribeiro em *O Romance Histórico na Literatura Brasileira* considera o romancista um doublé de historiador que representa o fato histórico com a presença de sonhos, fantasias, de palavras bonitas que temperam a realidade fria dos fatos (presente em livros didáticos, com excesso de nomes e datas).

Os acréscimos necessários devem ser feitos desde que a verdade histórica não se perca. A fantasia pode ser usada como estratégia para suprir eventuais falhas documentais: o autor de um texto histórico pode enfeitar o passado, sem que ele perca de vista a verdade histórica.

- Alessandro Manzoni, poeta e escritor italiano, preocupa-se com o hibridismo do romance histórico, colocando o leitor no centro das especulações: a extração do conteúdo histórico, com um passado, com a circulação no universo cultural, além de ser conseqüentemente uma referência inevitável, está atrelada a uma certa familiaridade do leitor a ela.
- O historiador e antropólogo italiano Carlo Ginzburg em entrevista a Jean Marcel Carvalho França, publicada na *Folha de São Paulo*, em 2002, propõe a utilização da literatura de duas formas diferentes: uma como evidência histórica, ou seja, ela ensinaria algo sobre a sociedade em que foi produzida e sobre o público-alvo a que a obra se dirige; a outra estaria relacionada com a escrita histórica, com a análise minuciosa de cada detalhe, por mais ínfimo que seja.
- Linda Hutcheon, professora de inglês e Literatura da Universidade de Toronto, em *Poética do pós-modernismo: história, teoria e ficção*, criou o termo “metaficção

historiográfica”: tanto os textos históricos quanto os fictícios são criações humanas.

Ela considera que a escrita pós-moderna na literatura ficcional e histórica são discursos cujas formas e sentidos não estão nos acontecimentos, mas nos sistemas que transformam acontecimentos passados em fatos históricos presentes.

- Hayden White, historiador estadunidense, em *Meta-história: a imaginação histórica no século XIX*, considera que o trabalho histórico é uma estrutura verbal na forma de um discurso narrativo em prosa. A história também se desenvolve por meio de clássicos, cuja natureza não pode ser nem invalidada e nem negada, como ocorre nas ciências.

Segundo ele, o historiador escolhe as estratégias conceituais, com que irá representar dados. Os acontecimentos históricos terão valor neutro e encontrarão seu lugar na história de acordo com a decisão do autor.

No que diz respeito à diferenciação entre o poeta e o historiador, White acredita que há elementos históricos tanto na poesia quanto nos relatos históricos do mundo. Porém, o objetivo do historiador é explicar o passado através de histórias encontradas, ao passo que o ficcionista terá autonomia de criar as suas.

- Roger Callois, sociólogo e crítico literário francês, em sua obra *Sociologia de La Novela*, enfatiza a liberdade que a novela tem: tudo lhe é permitido, já que esse tipo de escritura participa de outra ordem de realidade, não suficientemente definida.

O processo literário tem o poder de transportar o indivíduo, independentemente da etnia, da classe social, da faixa etária ou de sua profissão a outro universo, pleno, que o liberta de uma existência insípida, estéril, incompleta.

Sendo assim, para que o Homem possa preencher a lacuna individual imposta pela sociedade pós-moderna, ele delega seus sentimentos, suas representações ao mundo fictício, aos personagens.

Além disso, a Literatura lança mão de outras áreas de conhecimento, dificultando sua catalogação, pois uma obra literária é mutante, plástica:

O novelista se propõe realmente a escrever história, fazer psicologia, sociologia e a maior parte das ciências do homem lhe devem muito por seus esforços serem muito proveitosos.”²

A obra, por sua vez, não está nem composta nem construída; o objeto nunca se esgota devido sua elasticidade, amplitude e densidade. Com essas especificidades, fica a critério do leitor a tarefa de reconstruir os aspectos históricos recortados da realidade, embora haja o esforço do autor em oferecer ao relato o máximo de precisão e de verossimilhança.

- Seymour Menton, pesquisador da ficção latino-americana, em *La nueva novela histórica de la América Latina*, propõe um novo romance histórico: emprego de personagens históricos em substituição a protagonistas ficcionais; presença de intertextualidade; ficcionalização de personagens históricos; comentários do narrador sobre o processo de criação.
- Lucien Goldman, teórico marxista, em sua obra *Sociologia do romance*, defende a idéia de que o herói está em busca de valores autênticos em uma sociedade degradada. Esses valores organizam implicitamente o conjunto do seu universo.

O romance apresenta-se como uma forma de resistência à sociedade burguesa e não exaltação incondicional dessa mesma sociedade: há a construção de personagens problemáticas que se vêm presas à existência degradante, embora tentem se comportar de acordo com os valores qualitativos.

- Umberto Eco, em *Pós-escrita a O Nome da Rosa*, enfatiza tanto a função da obra literária na construção de seu romance histórico quanto a do narrador, cujo papel é não oferecer interpretações da obra, deixando a critério do leitor estabelecer paralelos, significações.

² CAILLOIS, 1942, p.16. “El novelista se propone realmente escribir historia, hacer psicología, sociología, y La mayor parte de las ciencias del hombre le deben mucho, pues estos esfuerzos fueron a menudo fructuosos.”

Para o escritor, o autor, por sua vez, deve pautar-se a contar como e por que escreveu sua obra: não cabe a ele explorá-la. Ele escreve vislumbrando um leitor ideal que será construído no decorrer da obra:

A certa altura, disse a mim mesmo que, como a Idade Média era o meu imaginário cotidiano, seria melhor escrever um romance que se desenvolvesse na Idade Média (...) só conheço o presente através da televisão, ao passo que da Idade Média tenho um conhecimento direto. (ECO, 1985, p. 17)

O texto é escrito baseado em dois paradigmas: o primeiro é produzir um leitor novo, ou seja, projetar um leitor diferente; o segundo é a busca do texto em adequar-se aos desejos do leitor: o autor trabalha com fórmulas a fim de atender aos pedidos do público.

- Ítalo Calvino, em *Encerrado- Discursos sobre a literatura e a sociedade*, afirma que a Literatura é regida por vários níveis de realidade, presentes no interior da obra ficcional. Segundo ele, esses níveis podem permanecer distintos e separados ou misturar-se, possibilitando uma harmonia entre suas contradições ou causando o movimento contrário. Desse modo, a literatura não conhece a realidade, mas níveis que nada mais são do que aspectos parciais.

A épica moderna não concebe deuses, como na Antiguidade: o indivíduo está sozinho, com novas concepções em relação à natureza e à consciência da História.

Por conseguinte, o processo literário tem o objetivo de deflagrar a carga moral dos fatos, para que reações morais entorpecidas venham à tona, desfazendo o estágio de acomodação e aceitação do mundo tal como é.

O que se pede ao escritor é que o caráter humano do mundo sobreviva frente à barbárie mecânica. Ele define o termo humano como “*humoral, emocional, ingênua, não rigoroso*”.

Além disso, o poder da Literatura traz um paradoxo: a partir do momento em que ela desafia a autoridade vigente, causando reflexões, perseguições, maior e mais verdadeiro será o seu poder; entretanto, quanto mais permissiva a

sociedade, menor sua força, acarretando um contraste agradável, com inflação verbal.

O romance, por sua vez, deve ser observado enquanto suporte enciclopédico, um hiper-romance: o conhecimento, de modo expansivo e permeável, pode ser entendido como um entrelaçamento de fatos, saberes e sistemas reciprocamente condicionantes, garantindo desse modo a multiplicidade do espaço dialógico, com a presença de vozes antagônicas, seres particulares e diversas visões de mundo numa contínua rede de reconfiguração.

- O escritor peruano Mario Vargas Llosa em sua obra *Cartas a um jovem escritor* traz uma definição geral sobre o nível de realidade: é a relação entre os níveis ou planos de realidade em que se situa o narrador e o que é narrado.

Segundo Llosa, a vida que os romances descrevem é uma criação fictícia; é uma vivência indireta e subjetiva. Não é o retrato da história; não aconteceu. Por essa razão, foi necessária sua criação de maneira imaginativa.

A ficção é uma fonte de mal-estar e intranqüilidade, pois com o término da leitura de um romance, o leitor retorna à realidade com uma sensibilidade mais aguçada diante das imperfeições e limitações que são infinitamente mais medíocres do que o universo criado pelos escritores.

- Mikhail Bakhtin, lingüista russo, em *Questões de Literatura e de Estética* pontua a dificuldade de se estudar o gênero romance, visto que é o único gênero inacabado, com grandes possibilidades plásticas e cujas forças criadoras alimentam-se da própria História.
- Hegel, filósofo alemão, por sua vez, em *A razão na história: uma introdução geral à Filosofia da história*, traz a riqueza e variedade de interesses, estados, características, condições de vida, assim como todo o pano de fundo do mundo, além da descrição dos acontecimentos. O presente, a seu ver, é efeito de fatos ocorridos no passado.

Para ele, a Arte não existe para um grupo pequeno de pessoas cultas, mas para a nação como um todo. Por essa razão, uma composição artística deve ser clara, sem grande erudição, facilitando seu acesso.

A partir de sua percepção e energia, o herói histórico torna-se o sujeito da história; ele é desacreditado, traído, incompreendido pelos fracos que não percebem o sinal dos tempos.

Hegel afirma que o historiador não tem a “liberdade” que o ficcionista possui de criar os fatos que julgar conveniente, visto que a história está ligada à realização de projetos individuais e coletivos. O indivíduo, por sua vez, faz parte da situação histórica, cujo propósito primordial é o aperfeiçoamento contínuo do ser.

- O escritor tcheco Milan Kundera, em *A arte do romance* defende a idéia de que um romance tem como papel fundamental descobrir algo até então desconhecido da existência.

É a partir da ação que o homem sai de seu lugar comum, do universo repetitivo do cotidiano em que todos são iguais e transforma-se em um indivíduo.

Segundo o escritor, a personagem não é uma simulação de um ser, mas um ser imaginário. Devido à falta de elementos descritivos, a imaginação do leitor completa automaticamente ao do autor de um romance.

Em suas obras, as circunstâncias históricas abordadas por Milan Kundera visam à criação de situações existenciais reveladoras às personagens. Embora a História esteja presente, seus textos não examinam a dimensão histórica da existência humana e o leitor, por sua vez, não precisa conhecer a história da república tcheca para compreender seus romances.

Kundera estabelece a diferença entre o papel do historiador e o do romance: o primeiro conta acontecimentos que se passaram, ao passo que o segundo não examina a realidade, mas a existência que não está atrelada ao que aconteceu; a existência é o campo de possibilidades e o escritor, em seu ofício, pode explorá-las ao máximo.

- Amós Oz, escritor israelense, afirma em sua obra *De amor e trevas* que toda sua produção literária é autobiográfica e que aquele que procura a essência do conto no espaço deve procurar a relação existente entre o texto e o leitor e não entre o autor e o texto: o leitor deve palmilhar o universo das personagens, sentir suas sensações e, a partir daí, ele deve conduzi-la para o mais profundo do seu ser. Desse modo, a personagem apaziguará a solidão daquele que lê, consolando-o.
- Georg Lukács, filósofo húngaro, em *La novela histórica*, privilegia o quadro histórico sobre o evento literário. O romancista deve se limitar a ordenar os fatos de modo lógico e, ao mesmo tempo, prever a existência de elementos acidentais na composição artística.

Segundo o autor, sem esses elementos acidentais, tudo fica abstrato e morto e nenhum escritor pode representar algo vivo. Por outro lado, a abordagem de elementos acidentais deve ocorrer com parcimônia, evitando a casualidade gratuita. Por essa razão, Lukács critica a descrição devido a sua postura passiva, de mera observação. A narração, por sua vez, corresponde à postura discursiva ativa, de quem participa.

Além disso, só há vida poética nas coisas quando elas estão atreladas a acontecimentos de destinos humanos (que são importantes por si mesmos a partir do momento em que seus efeitos são sentidos na comunidade como um todo).

Em sua concepção, após o advento da Revolução Francesa, das guerras revolucionárias, da ascensão e queda de Napoleão, o homem comum pôde compreender a presença da historicidade na vida concreta dos homens: houve a conscientização de que a história de cada nação estava ligada a outras histórias, de outras nações.

Sendo assim, a História só pode ser exposta em grandes crises e a verdade do processo social também pode ser entendida como a verdade dos destinos individuais. Essa verdade só pode se manifestar na práxis, no conjunto de atos e ações individuais.

Pode-se dizer, então, que os fracassos ou sucessos individuais só podem ser expressos através de atos e ações. O papel da Literatura é trazer a riqueza e

variedade das cores, presentes na existência humana. Para Lukács, a literatura baseada na observação e descrição elimina o intercâmbio entre a práxis (toda realidade contém o esquema abstrato da práxis humana como um todo) e a vida interior; a narração distingue e ordena, ao passo que a descrição nivela.

O mesmo trabalho típico de um caráter humano, concatenadas a relações entre o homem, suas ações e o mundo exterior dão mote às obras literárias:

... o que nos interessa é ver como Ulisses ou Gil Blas, Moll Flandres ou D. Quixote reagem diante dos grandes acontecimentos de suas vidas, como enfrentam os perigos, como superam os obstáculos, e como os traços que tornam interessantes e significativas as suas personalidades se desenvolvem sempre mais ampla e profundamente na ação.
(LUKÁCS, 1995, p. 58)

As crises históricas evidenciam a grandeza humana, já que a comoção popular, com a presença de diferentes representantes da esfera social aflora as qualidades mais sensíveis, fortes, decididas, heróicas desses diversos segmentos.

O heroísmo não ocorre apenas na figura de um personagem; esse sentimento pode arrebatá um povo, a partir do momento em que ele esteja perante um grande impacto coletivo ou quando a questão aflige um indivíduo, fomentando uma reação coletiva. Esse atributo é inerente ao ser; pode ficar adormecido, caso não haja nenhuma situação problemática que suscite uma reação em massa.

A tarefa do romancista histórico é plasmar o efeito concreto com a maior riqueza poética possível, respeitando as circunstâncias históricas concretas em um determinado período; o autor deve atentar-se à estruturação dos acontecimentos históricos, entrelaçados a variados efeitos em personagens atuantes, em virtude da riqueza de matizes que compõem a imagem histórica.

O romance histórico deve fazer com que o leitor viva o passado em toda sua verdade e realidade: para que isso aconteça a obra literária tem de estabelecer uma relação intrínseca entre o fato histórico narrado com o presente.

3. TARIQ ALI E A LITERATURA

*“É difícil descrever como ou porque construí Zuhair ou qualquer outro personagem... Quando você escreve ficção, os personagens, de repente, emergem, sendo que um torna-se mais importante que outros e a maioria deles são formados no subconsciente do autor...”*³

(TARIQ ALI)

O autor tem um grande desafio a enfrentar ao compor sua obra: criar e manter o interesse de seu leitor, ao lhe oferecer uma gama de informações que serão definitivas para a continuidade da leitura do seu texto ficcional até o final: determinar o tom de sua voz, por intermédio da escolha de um vocabulário característico e de construções sintáticas que atendam a essa finalidade, expor o nome das personagens e as relações de similitude ou de incompatibilidade que as une, proporcionar os detalhes do ambiente e da época em que a história acontece.

Por essa razão, o trabalho preliminar de esquematização da trama, da caracterização inicial das personagens, das situações, do contexto espacial e cenário em que a história transcorrerá está atrelado ao universo vislumbrado no subconsciente do autor.

Outro objetivo, implícito ou explícito, quando se escreve um romance é lembrar os leitores de acontecimentos do passado que podem ter repercussões na atualidade, ou mesmo desdobrá-la. Essa proposta marca a obra de Tariq Ali, notável intelectual que, além de ficcionista, é historiador, cineasta e ativista político. De origem paquistanesa, é autor de livros de história e política, além de vários romances, artigos e resenhas. Habitualmente, escreve para revistas e jornais (The Guardian, Monthly Review, Counterpunch, Z Magazine). Editor e colaborador assíduo de New Left Review, é também membro do conselho editorial da revista Sin Permiso desde a sua fundação, além de assessor do canal de TV Sulamericano Telesur.

Nasceu em 1943 e se criou em Lahore, no seio de uma família comunista. Ainda estudante da universidade de Punjab, organizou manifestações contra a

³ “It’s very difficult to describe how or why I constructed Zuhair or any other character...when you write fiction, characters suddenly emerge, one becomes more important than the other and most of these characters are formed by a writer’s subconscious...” (comunicação pessoal em 20/11/07).

ditadura militar no Paquistão. Em virtude de seus contatos com movimentos radicais, seus pais, temerosos por sua segurança, o enviaram à Inglaterra. Estudou Ciências Políticas e Filosofia em Oxford. Participou ativamente na política num partido trotskista, o Grupo Marxista Internacional. Na guerra do Vietnã, travou debates com o então secretário de Estado Henry Kissinger, conselheiro de política externa dos Estados Unidos.

Crítico veemente das políticas externas norte-americanas e de Israel, além das políticas econômicas neo-liberais, Tariq Ali considera que os três elementos que contribuem implícita e explicitamente à imposição da agenda ocidental são a economia, os meios de comunicação e a tecnologia.

Um dos motivos que levaram esse escritor a produzir o seu chamado “quinteto islâmico” (*Sombras da Romãzeira, O Livro de Saladino, A Mulher de Pedra, Sultão em Palermo e Noite da Borboleta Dourada*) conjunto de obras que abordam as civilizações muçulmanas na Europa e sua contribuição ao continente, foi sua curiosidade de entender o que aconteceu com o Islã nessa região:

*Em 1991, durante a primeira Guerra do Golfo, ouvi um professor na TV dizer algo que agora é tão comum que ninguém fala mais: ‘os árabes são um povo sem cultura política’. Isso me irritou tanto, pois eu sabia, instintivamente, que isso não era verdade.*⁴

Com a finalidade de compor suas personagens e os enredos de suas histórias, o escritor passou por um período de um ano de pesquisa e leitura de diversas fontes bibliográficas, e também viajou pelos lugares que serviriam de pano de fundo às obras. Nessa fase, constatou a falta de informações sobre os temas do quinteto:

*... essa parte da História não é conhecida. Nos livros escolares, esse fato aparece apenas em um parágrafo: os muçulmanos vieram à Espanha. Os católicos os expulsaram. Só isso.*⁵

⁴ “In 1991 during the first Gulf War, I heard some professor on TV say something that is now so common that nobody talks about it. He says ‘The Arabs are a people without culture’ this really angered me as I knew instinctively that this was not true.”(ALI, 2006, p. 2)

⁵ “In school history books it appears as just as a paragraph-the Muslim came to Spain; the Catholics threw them out. That’s it.” (op.cit, 2006,p.2)

Em uma de suas entrevistas, disponíveis em sua *home page*⁶, Tariq Ali explica o porquê de ter optado pelo gênero ficcional: a partir do momento em que viu aqueles monumentos, sentiu a necessidade de invocar as pessoas que viveram lá – e só a ficção proporciona essa possibilidade.

Por acreditar que as respostas a suas indagações estariam na Europa e não no mundo árabe, o escritor iniciou a produção do “quinteto islâmico”, cuja redação duraria vinte anos; são romances que abordam a contribuição da cultura muçulmana ao Velho Mundo:

- a) *Sombras da Romãzeira*: obra pela qual recebeu o prêmio Granadillo/2010, aborda o período da Reconquista Espanhola, com a expulsão de mouros e judeus, e a efetivação do domínio cristão na região. A obra descreve a contribuição da cultura árabe na Europa, a destruição desse legado pela Cristandade e o desenvolvimento do processo inquisitorial na Espanha.

Esse romance ilustra uma sociedade caracterizada pela diversidade cultural, com a mediação de práticas religiosas e culturais, cujos povos sofrem o impacto da intolerância da Igreja: *Tanto no mundo árabe como na Espanha islâmica, houve confrontos entre diferentes grupos sociais, mas não em escala sistemática...*⁷

Ao escrever essa obra, Ali quer lembrar os leitores os crimes cometidos pela Igreja Católica, os últimos tormentos sofridos pela civilização islâmica em Andaluzia: a queima de obras de grande valor para o conhecimento humano, a expulsão de judeus, as conversões forçadas, os autos de fé, com a execução de milhares de pessoas, a atuação da Inquisição sob o comando da Santa Igreja e, por fim, a expulsão dos muçulmanos da península ibérica;

- b) *O Livro de Saladino*: romance ambientado nas cidades do Cairo, Damasco e Jerusalém no século XII. Apresenta a biografia ficcionalizada de Saladino, personagem lendária de origem curda, a partir da ótica do escriba judeu Ibn Yacub, que narra a trajetória dessa figura importante à cultura árabe como sultão

⁶ <http://www.tariqali.org>

⁷ “In both the Arab world and Islamic Spain there were clashes between different social groups, but they were not on the systematic scale ...” (op.cit, p.3)

do Egito e da Síria, além de relatar o período em que ele se prepara para retomar Jerusalém, perdida para os cruzados em 1099. Além disso, essa obra dá relevo à convivência pacífica entre muçulmanos e judeus (70% dos conselheiros de Saladino eram judeus);

- c) *A Mulher de Pedra*: aborda o império otomano no final do século XIX. A obra apresenta o declínio e a coexistência da dinastia otomana com a expansão do capitalismo no Ocidente. Além disso, o texto um tema mais difuso, a idolatria: “*A história do Islã é uma quebra de antigas tradições (...) incluindo a idolatria cristã da Madona e Jesus, filho de Deus.*”⁸

Para corroborar tal afirmação, o próprio profeta destituiu a idéia de que ele era uma divindade: enfatizou que era um ser humano e apenas um mensageiro de Deus, cujas palavras por ele proferidas e encontradas no Corão não são de sua autoria;

- d) *Sultão em Palermo*: o quarto romance do quinteto enfatiza a vida do cartógrafo da corte de Muhammad al-Idrisi, que viveu no século XII, e o mundo da ciência, da filosofia e do pensamento racional;

- e) O último romance, sem tradução no Brasil *Night of the Golden Butterfly*, (Noite da Borboleta Dourada) lançado em abril de 2010, tem como pano de fundo o período próximo aos dias de hoje.

Em certa manhã, o narrador se recorda de uma dívida de honra assumida com Mohammed Aflatun, um talentoso pintor que vive no Paquistão, e é conhecido como Platão, nome cuja forma árabe, aliás, é exatamente Aflatun.

Ao transitar pelas várias capitais do mundo em pleno século XXI, de Lahore a Londres, de Paris a Pequim, esse texto discute as razões que levam as pessoas a seguirem cegamente sua religião, em pleno século XXI. Além disso, esse romance retrata a decadência do nacionalismo do mundo árabe, que não traz

⁸ “The history of Islam is a history of breaking with past traditions (...) including the Christian idolatry of the Madonna, and Jesus as son of god.”(op.cit,p.4)

soluções para a pobreza nem para o subdesenvolvimento, e muito menos faz face às intervenções militares do Ocidente e ao seu poderio econômico.

Embora não seja um fiel muçulmano, sua admiração pela cultura islâmica, associada ao argumento de que os próprios seguidores do Islã, em sua maioria, não dominam o universo cultural de sua religião, foram outras razões que levaram o escritor a trilhar esse caminho: “... *escrevi esses livros para mostrar o outro lado do Islã – na Espanha, Sicília, Turquia...*”⁹

Tariq Ali desafia o mito de que o Islã é incompatível com o Ocidente: ele acredita que a cultura islâmica influenciou o Ocidente e vice-versa. A circulação cultural é inquestionável: segundo o autor, sem esse movimento, a Europa não teria alcançado o seu desenvolvimento nessa proporção em que alcançou contemporaneamente:

*O aprendizado veio com a civilização islâmica. Essa civilização foi um fio condutor, uma ponte entre o mundo antigo e a atualidade. Em Toledo, os muçulmanos espanhóis estabeleceram uma escola de línguas em que os principais textos gregos e latinos eram tornados acessíveis na Europa.*¹⁰

Ali crê que a contribuição do mundo islâmico deveria ser abordada com mais ênfase, especialmente no universo escolar. A partir do momento em que essa verdade histórica seja veementemente divulgada, o universo cultural do mundo muçulmano será compreendido pelos demais povos e a islamofobia estará fadada à extinção.

Para o autor, há duas linhas de pensamento que discutem o papel dessa importante contribuição: a primeira, com o objetivo de reforçar o estereótipo racial que caracteriza o islã como uma religião intolerante, nega qualquer herança islâmica; esse modelo rotula o mundo muçulmano de “fascista”. Por outro lado, há uma segunda corrente de pensamento que reconhece a contribuição da cultura islâmica na formação cultural ocidental, buscando uma maior identificação com alguns traços desse universo.

⁹ “...I wrote these books to show that there was another side of Islam-in Spain, Sicily, Turkey...” (op cit, p.2)

¹⁰ “Learning came with Islamic civilisation. This was the civilisation that became a conduit, a bridge between the ancient world and today’s world.” (op.cit, p.6)

A seu ver, o passado não deve ser lembrado com o objetivo de procurar um culpado ou ser uma forma de exigir indenizações, mas garantir que o ser humano aprenda com seus erros e, com isso, evite repeti-los. A arte, por sua vez, não deve exercer uma força compensatória frente ao poder, devendo, isto sim, transmitir o que foi perdido às novas gerações, visto que a história nunca se repete totalmente, muito embora seus ecos possam ter efeitos devastadores.

As obras que procuram agradar o Ocidente seguindo essa agenda terão sucesso efêmero, pois elas perdem sua integridade, alcançando projeção de semanas ou, quando muito, de alguns meses.

4. SOB A ROMÃZEIRA, DE TARIQ ALI.

*“Você pode queimar o papel,
Mas o que está escrito nele, você não pode;
Está bem guardado no meu peito
Aonde quer que eu vá, ele me acompanha:
Queimará quando eu queimar,
E irá comigo para o túmulo quando eu morrer.”
(Ibn Hazm)*

Na obra *Sombras da Romãzeira*, Tariq Ali aborda temas culturais, ideológicos, comportamentais e morais da comunidade muçulmana na Espanha, a partir da análise do clã al-Hudail e da população dessa cidadela, além de evocar o passado e as mudanças sofridas por esse fragmento da sociedade no período da Reconquista, com a instauração do sistema inquisitorial na península ibérica.

As novidades introduzidas durante esse período não se limitam apenas à intervenção ativa e profunda dos Reis Católicos, desde o início dessa fase na História: após a nomeação do primeiro inquisidor-geral, houve a substituição dos inquisidores anteriores, embora pertencessem à mesma ordem religiosa (dominicanos); presença de tribunais com configuração coletiva e hierarquizada; ritos coletivos de grande impacto na população (autos de fé); confecção de catálogos com títulos de obras que iam contra o modelo instituído pela Igreja Católica: organização autônoma com complexos fluxos de comunicação, dentre outras mudanças bastante significativas.

Em seu discurso de agradecimento pelo prêmio Granadillo/2010, Tariq Ali afirma que a abordagem desses elementos históricos no cerne de sua obra tem a finalidade de evitar que os erros cometidos no passado se repitam nos dias de hoje e que essa passagem histórica ajude na elucidação e compreensão de questões e conflitos que acontecem na atualidade.

Sob esse aspecto, a História não é somente um ornamento, muito menos a ficção apenas um instrumento de entretenimento. Esses mecanismos de manifestação do ser humano determinam a vida, o pensamento, o sentimento e a ação dos seres que pertencem a um dado momento da realidade e podem explicar algumas tendências na contemporaneidade.

Antes do prólogo dessa narrativa, faz-se a descrição genealógica do clã Hassan al-Hudayl, desde Farid al-Hudayl, figura lendária e modelar, morto em 1402, até a geração do herói Zuhayr, em 1499, com o objetivo de manter o leitor informado da dimensão e da importância dessa família no desenvolvimento do enredo, além de explicitar a ordem social que compõe a comunidade árabe, construída a partir dos laços de sangue e em torno de membros de uma comunidade, e não de coletivos anônimos.

A seguir, o prólogo se abre com a localização espaço-temporal (Granada, sete anos após a ocupação cristã, em nome de Fernando e Isabel) e a apresentação do cardel Francisco Jimenez de Cisneros, confessor da rainha, introdutor da Inquisição espanhola, responsável pela prisão, tortura e morte de milhares de espanhóis inocentes e organizador do primeiro Auto de Fé na Europa. Essa personalidade histórica “*exercia um poder que não era apenas espiritual.*”¹¹

A demarcação temporal da obra deixa clara a distância do espaço temporal entre o leitor/ autor/ fato histórico. A demarcação desses dados com o uso de datas e respectivos acontecimentos pode ser conferida em obras especializadas, caso se pretenda o aprofundamento no tema. A obra de Joseph F. O’Callaghan *Reconquista e Cruzada na Espanha Medieval*¹², por exemplo, pode ser uma referência inicial para uma pesquisa mais apurada desse período histórico : explica os processos de desenvolvimento das Cruzadas e da Reconquista em todos os aspectos, aborda o confronto bélico entre cristãos e muçulmanos em solo espanhol no século VIII e a luta desses dois povos pelo domínio da Terra Santa nos séculos XII e XIII. Além disso, esse livro traz um leque bibliográfico considerável, divididos por assuntos, caso o leitor queira informações complementares. Outra importante fonte de referência historiográfica é a obra de Reinhart P. Dozy, composta de quatro volumes divididos nos seguintes eixos temáticos: *As Guerras Civis, Cristãos e Renegados, O Califado* e, por fim, *Os Reis de Taifas*. Esses volumes são resultado de vinte anos de estudo, com a análise minuciosa de documentos existentes nas bibliotecas européias sobre a História da Espanha e a importância moura na construção desse país.

¹¹ “ He wielded a power that was not exclusively spiritual.” (ALI,1993,p.I)

¹² Reconquest and Crusade in Medieval Spain.

Ademais, o distanciamento espaço-temporal oferece maiores dados sobre os acontecimentos presentes na obra, além de garantir a verossimilhança textual, com a ação das personagens e o andamento da trama, pois se sabe de antemão alguns elementos do desfecho e a principal consequência que esse recorte histórico trará credibilidade ao objeto ficcional, sem esvaziamento do objeto:

O significado existencial do tempo para a experiência e fenômeno da realidade histórica vale em que reúne o “emissor” e o “receptor” do enunciado ou comunicação num espaço da realidade e numa experiência da realidade. Isto vale tanto para contemporaneidade como para não-contemporaneidade da existência de emissor e receptor (Hamburger, 1975, p. 49).

O primeiro capítulo traz maiores informações sobre a vinda dos ancestrais de Umar, atual chefe do clã e a construção da aldeia al-Hudayl, situada no alto da montanha, rodeada de riachos a três quilômetros de Granada. A família de Hassan bin Hudayl e seus seguidores imigraram de Damasco no ano 932 d.C., com o objetivo de assumirem altos postos do islamismo no Ocidente.

Além disso, nesse momento, o texto apresenta os personagens que fazem parte do clã al-Hudayl. Umar, nobre mais importante do reino, esteve presente na assinatura do tratado não cumprido pelos reis católicos, em resposta à rebelião muçulmana ao ver seus livros destruídos no auto de fé, que garantia aos muçulmanos de Granada o direito de prática de sua crença, de falar ou ensinar a língua árabe, de comemorar suas festas, sem nenhum tipo de coerção; Zubayda, esposa de Umar, personagem que simboliza a tolerância perante todos que vivem em sua aldeia: era muito generosa com os camponeses que trabalhavam em sua propriedade, indulgente com suas filhas, complacente com a falha dos criados, além de permitir que eles praticassem sua fé; Hind, Kulthum, Yazid e Zuhayr, filhos de Umar e Zubayda; o último deles assumirá, no decorrer da obra, a função de herói e lutará pela causa muçulmana; Ama, foi ama de leite de Umar e principal empregada da casa; desfruta de grande respeito e consideração da família: é fiel aos costumes árabes e, por viver lá desde a tenra infância, conhece todas as nuances dos outros personagens; Meekal al-Malek, ou Miguel, tio de Umar, converteu-se ao Cristianismo, tornando-se bispo de Córdoba; sua função é

convencer sua família a abraçar o Cristianismo, não do ponto de vista espiritual, mas como uma forma política, de evitar possíveis proibições e confiscos de bens: *Me converti por razões egoístas, o que me fez ainda mais alienado. Trabalho entre eles, mas por mais que eu tente, nunca serei um deles.*¹³

Além disso, esse capítulo mostra alguns hábitos que fazem parte da vida do fiel muçulmano: as abluções antes das orações, o papel da mão esquerda, a não ingestão de carne de porco, em contrapeso à prática do fiel cristão “... *comendo carne humana e bebendo sangue humano.*”

Mesmo que na casa estejam presentes esses costumes, não existe nenhum traço que denote o fanatismo, a intolerância, por parte do fiel muçulmano às outras religiões praticadas pelos criados da casa.

No decorrer da narrativa, quando pertinente à situação, nota-se a descrição dos costumes desse povo: as reuniões na mesquita às sextas-feiras em que qualquer fiel pode tomar a palavra (o que difere do Catolicismo que prevê a hierarquia clerical), o papel da mão esquerda, às abluções, à ausência de rituais complicados que simplificam a prática religiosa e aproxima o fiel muçulmano: ... *esses padres católicos têm medo de água. Acham que tomar banho é trair o santo que chamam de filho de Deus.*¹⁴

Esse universo está intimamente ligado à psicologia dos personagens, apresentando ao leitor indícios da situação harmoniosa em que os árabes da Península Ibérica viviam, preservando suas tradições e, ao mesmo tempo, convivendo pacificamente com a prática religiosa e hábitos de outras culturas: *”Abaixo do palácio, localiza-se Albaicin, antigo bairro em que muçulmanos judeus e cristãos viviam e negociavam há séculos.”*¹⁵

Os personagens que rodeiam o herói Zuhayr (Umar, al-Zindiq) são figuras interessantes e significativas que, em várias passagens da obra, o auxiliam e o advertem no desempenho de seu papel na narrativa, já que não é um herói pronto.

¹³ “I converted for selfish reasons, but it has made me even more estranged. I work amongst them, but, however hard I try, I can never be of them.” (ALI, 1993, p. 204)

¹⁴ “... these Catholic priests are frightened of the water. They think to have a bath is a betrayal of the saint they call the son of God” (idem, 1993, p. 10)

¹⁵ “Underneath the palace was the Albaicin, the old quarter where the Muslims, Jews and Christians of this town had lived and trade for centuries.” (op.cit, 1993, p. 66)

É notória a preocupação do herói em ter o apoio e a aprovação de seu pai e do cético da montanha, na tomada de suas atitudes, enquanto ocorra a efetiva transformação que o leve ao amadurecimento em todos os aspectos de sua composição e, por conseguinte, ao desempenho de sua função no enredo: liderar uma ação armada contra a ordem estabelecida pelo domínio cristão: *Eu estava certo ou errado?*¹⁶

A narrativa caracteriza o herói de duas formas: na primeira, Zuhayr é destituído de qualquer roupagem idealizada, passa por muitas dúvidas, por incertezas em virtude de sua inexperiência e de seu período de alienação: vivia como um jovem nobre, envolvido em galanteios com moças da aldeia, desfrutando dos benefícios econômicos adquiridos por seus ancestrais através de conquistas territoriais, sem nenhuma preocupação com o devir:

*‘ Jovem senhor, você sabe do que estou falando. Não é somente montar em cavalos de que estou me referindo. Você monta nas mulheres sempre que tem uma chance. Soube que você gosta muito de deflorar as virgens da aldeia. Diga a verdade!’*¹⁷

Contudo, no momento em que ele sai de casa, esse personagem se depara com uma dura realidade: sua inexperiência para entrar em uma luta armada que, logo de início, está fadada ao fracasso e a indisponibilidade dos requisitos necessários para apropriar-se de seu papel narrativo. À sua frente há três caminhos a seguir: fugir e aliar-se a bandidos, conhecidos de Al- Zindiq que o procuraram na sua ida a Granada; voltar à sua casa e alertar seu pai sobre a gravidade da situação ou procurar seu tio-avô Miguel batizar-se e, com essa atitude, salvar-se das investidas tirânicas cristãs.

*Zuhayr nunca lutou em uma batalha de verdade. Sua experiência pautava-se em um treinamento intensivo que recebeu sobre a arte da guerra quando garoto. (...) Mas, ele não podia esquecer que nunca havia cruzado espadas com um real inimigo.*¹⁸

¹⁶ “ Am I right or wrong” (op.cit,1993,p.28)

¹⁷ ‘Young Master, you know what I am talking about. It isn’t just riding horses is it? You jump on their wives whenever you have a chance. I am told that you have a taste for deflowering the village virgins. The truth now!’ (op.cit,1993,p.33)

¹⁸ “ Zuhayr had never fought in a real battle. His experience was limited to the intensive training he had received in the arts of war as a boy. (...) But he could not forget that he had yet to cross swords with a real enemy.” (op.cit, 1993,p.132)

Então, no quarto capítulo, Zuhayr passa a assumir seu papel no enredo e parte para ação, embora esteja em conflito interior, ele considera sua ascendência nobre e as grandes conquistas de seus antepassados para justificar sua escolha: sugere um encontro em sua aldeia com outros jovens pertencentes à nobreza muçulmana espanhola, com o intuito de discutir os métodos de confronto contra os cristãos a ser adotados por ele e seus aliados: *Por que iríamos embora para qualquer canto? Aqui é nossa casa (...) morra o infiel que tentar tirá-la de mim à força.*¹⁹

O texto também expõe o universo de dúvidas e incertezas que o personagem enfrenta para seguir, mesmo depois de sua atuação e liderança na ação armada ter se consolidado. Tais sentimentos reaparecem após al- Hudayl ter sido totalmente destruída e sua família brutalmente assassinada pelos soldados cristãos. No final da obra, no momento em que escreve para sua irmã, Zuhayr coloca claramente o seu conflito interior, as dúvidas que lhe afligem o destino:

*... confesso a você que uma parte de mim queria ir a Fez (...) ver vocês criarem seus filhos e ser tio deles. Começar uma nova vida longe das torturas e mortes que tomaram conta da península. Mas uma parte de mim diz que não posso deixar meus companheiros no meio desses horrores. Eles confiam em mim.*²⁰

Para que ele assuma efetivamente sua responsabilidade quanto herói, esse personagem passa por uma transformação gradativa (como estivesse usando uma máscara que escamoteasse sua verdadeira personalidade, suas fraquezas) e passe a agir no confronto entre as diferentes forças sociais, em seu ponto mais agudo e extremo. Suas necessidades serão similares aos anseios da comunidade, na qual está totalmente envolvido:

¹⁹ 'Why should we go anywhere? This is our home (...) death to the unbeliever who tries to take it away from me by force' (op.cit,1993,p.71)

²⁰'...I will confess you that one part of me wanted to come to Fes (...) to watch you bear your children, and to be their uncle. To begin a new life away from the tortures and deaths which have taken over this peninsula. And yet there is another part of me which says that I cannot desert my comrades in the midst of these horrors. They rely on me.' (op.cit.,1993,p.238)

“Sei que todos os dias, até morrer, vou chorar a morte de meu irmão e de nossos pais. Nenhuma máscara que eu coloque vai esconder isso.”²¹

A máscara citada por Zuhayr pode ser uma forma alegórica de abrigar

atrás desse segundo rosto seus êxtases e suas vertigens, e, sobretudo o traço que ele tem em comum com tudo o que vive ou quer viver, o medo sendo a máscara ao mesmo tempo tradução do medo, defesa contra o medo... (DELUMEAU, 2009, p. 27)

Na continuidade da leitura, o personagem afirma que a máscara tem o objetivo de esconder suas fraquezas, seu medo do desconhecido, do caminho que deverá trilhar sem a ajuda de seus colaboradores, que foram mortos quando defendiam a aldeia. Esse posicionamento acontece devido a pessoas que dependem da posição dessa figura para continuar a luta contra a opressão cristã:

A mãe e você sempre acharam que eu era fraco, era fácil de ser convencido, que eu não tinha firmeza. Talvez vocês tivessem razão, mas acho que mudei muito. Hoje outras pessoas dependem de mim, por isso tenho que usar uma máscara e essa máscara ficou tão colada em mim que é difícil dizer onde ficou meu verdadeiro rosto²².

4.1.O Domínio Muçulmano.

Outro ponto importante marcado logo no início do romance é a exposição concreta dos momentos conflituosos trazidos pelos cristãos aos judeus e muçulmanos no período da Reconquista, cuja dominação território-cultural era exercida desde o século IX pelos árabes: *“- Estamos sendo afogados num mar de desamparo.”²³*

Tais conflitos, distribuídos ao longo de toda narrativa, desencadeiam incertezas, desalento e outros sentimentos negativos no devir de todos os personagens, independentemente de sua condição social, e reações adversas ao estratagema de conversão à nova fé e ao processo de “ocidentalização”

²¹ “ I know that from now till I die, I will weep for my dead brother and our parents every day. No mask I wear can change that in me.” (op.cit,1993,p.239)

²² “Mother and you always thought that I was weak-willed, readily convinced of anything and incapable of firmness. You were probably right, but I think I have changed a great deal. Because the others depend on me I have to wear a mask, and this mask has become so much a part of me that it is difficult to tell which is my real face.” (op.cit, 1993,p.238)

²³ “We are being drowned in a sea of helplessness” (op.cit, 1993, p.3.)

instaurados pelo Santo Ofício sob o comando de Cisneros, conhecido como “Padre de Satanás” por seus adversários:

*Muçulmanos importantes e pregadores usando turbantes se misturavam a comerciantes, negociantes, camponeses, artesãos e ambulantes, além de rufiões, prostitutas e débeis mentais. Toda a espécie humana estava representada ali.*²⁴

Ao analisar rapidamente o panorama histórico dessa época, nota-se grandes transformações em todos os aspectos: político, econômico, social e, especialmente, religioso que abarcaram não só a Espanha, mas toda a Península Ibérica e que não são mencionados no romance de Tariq Ali. Tal análise se faz necessária, visto que o recorte histórico feito pelo autor ocorre no momento da chegada de Cisneros e suas primeiras determinações aos cinco experientes cavaleiros: apreensão e destruição de várias obras escritas em árabe em plena praça pública.

Ao final do século XI, o espaço do Mediterrâneo apresentava dois tipos de civilização: o primeiro, o mundo do Islã, governado por verdadeiros estados, com civilização secular brilhante, com a presença de monumentos espetaculares, de igrejas, de palácios, de residências suntuosas, sem contar com a organização de sedes de comércio internacional ou de centros de intercâmbios regionais; o segundo, pelo mundo cristão ocidental, mergulhado em grande retrocesso econômico, esvaziado de homens devido a constantes guerras e a incidência da peste bubônica no século VI que dizimou milhões de pessoas, independente de seu nível social, além da presença de um campesinato pobre e subjugado, marcado pelo feudalismo rural e ligado a elementos supersticiosos.

O homem medieval cristão estava profundamente arraigado às superstições e os religiosos não deixavam de aproveitar a situação para conduzir os cristãos à penitência e ao anúncio de castigos próximos, visto que um mesmo fato podia ser entendido, simultaneamente, como algo natural e sobrenatural, em virtude da falta de conhecimentos necessários para compreender tal “manifestação”; enquanto

²⁴cc Muslim grandees and turbaned preachers mingled with shopkeepers, traders, peasants, artisans and stallholders, as well as pimps, prostitutes and the mentally unstable. All humanity was represented here.” (op.cit, 1993, p. 04)

isso, o mundo muçulmano estava voltado ao conhecimento, à circulação de elementos culturais adquiridos, além de seu domínio territorial:

“Essa abertura a novos estilos, a capacidade de olhar em volta, assimilar e dar novas formas ao já existente, foi uma das principais virtudes do estilo islâmico e veio para o Ocidente como uma importante contribuição...” (Menocal, 2004,p.69)

O europeu dessa época fazia grande esforço para conceituar, classificar todas as facetas do universo. A cristianização da cultura europeia trouxe consigo uma grande transformação no imaginário coletivo. A demologia tornou-se tema central de discussão na cristandade medieval, sobretudo do ponto de vista moral, atravancando, dessa forma, o progresso em solo europeu.

... a Idade Média encarregou-se de promover a redução completa das divindades pagãs à condição demoníaca, preenchendo o Inferno cristão com as divindades do Além-Túmulo greco-romano, único posto que logicamente poderia competir-lhe e do qual, na verdade, não havia razão para expulsá-las. (NOGUEIRA, 2007, p.40)

O novo testamento fazia alusão ao embate entre o Bem (Deus) e seu adversário o Mal (Diabo): todos os aspectos culturais pagãos que não foram incorporados à caracterização da fé cristã foram empregados à construção do Mal, da heresia que seria o ponto alvo do processo Inquisitorial anos mais tarde .

O que facilitou a invasão moura na Espanha foi a condição social deplorável que o país se encontrava: de um lado, havia um escasso número de ricos latifundiários que usavam suas posses com ostentação e luxúria; de outro, existiam cidadãos arruinados, um imenso número de escravos, uma sociedade marcada pela miséria, pela libertinagem, pela traição de pessoas influentes descontentes com o sistema.

Logo, a invasão visigótica (povo germânico saído da Escandinávia, no século I, cuja fusão Hispano / Romana em 589 suscitou na adoção do Cristianismo como religião oficial da Hispânia Visigótica). ocorrida em 418, não foi diferente do despotismo romano: essa ação trouxe aniquilamento e destruição sem qualquer discernimento. A classe média entrou em colapso; as propriedades foram

condensadas a grandes massas, além da instauração e perseguições atrozes aos judeus.

Nota-se que a nação espanhola, nas mãos dos visigodos, estava em piores condições do que no tempo em que os romanos dominavam o país. Com apenas doze mil soldados, juntamente com a traição de altos cargos do governo foi suficiente para derrubar o governo visigótico.

Muza ibn Nozair, governador da África, estendeu seus domínios até o oceano, sobrando apenas a cidade de Ceuta nas mãos do Império Bizantino. Como governador, Muza tinha estreitas relações com a Espanha devido aos socorros prestados à nação espanhola, embora Muza estivesse muito distante do continente. Com isso, o conde Julião, de origem bizantina, decidiu enviar sua filha a Toledo para que ela pudesse desfrutar de uma boa educação.

No entanto, o que o conde não contava era com o interesse do rei Rodrigo em sua filha e a sua honra. Como vingança por esse ato, o conde abre as portas da cidade a Muza, após uma vantajosa negociação.

Com a mágoa e ressentimento dos líderes dos partidos, compostos por irmãos e filhos do rei Vitiza deposto e morto, eles traíram Rodrigo, pois acreditavam que assim que os mouros conseguissem a vitória, voltariam para África, deixando o governo em suas mãos. Além disso, a vitória moura tinha um efeito psicológico: eliminar Rodrigo de sua fama de valente e, com isso, mostrar sua incapacidade de deter a Coroa em suas mãos.

Nesse cenário, em 711, inicia-se o processo de Reconquista Cristã, longo momento histórico Medieval, ocorrido em solo espanhol, com duração de séculos. Tropas muçulmanas, vindas do norte da África, invadiram toda a península ibérica na batalha de Gualdalete, com a matança de cristãos pelos mouros e a suposta morte do rei visigótico.

Com a falta de um rei, o general omíada Tarik ibn Zeyad, conhecido como Tárique, que comandou as tropas muçulmanas, aproveitou a situação: sem a permissão de Muza não retornou à África, avançou pelo território espanhol com a anuência dos descontentes e oprimidos, que facilitaram sua intervenção; os judeus, cansados com a repressão em que viviam, decidiram se aliar aos

muçulmanos. Gradativamente, Tárique conquistou as cidades de Toledo, Córdoba, Archidona e Elvira.

Em junho de 712, Muza resolveu marchar para Espanha para terminar o que seu general havia iniciado. Tomou Medina, Sidonia, Sevilha, Mérida.

A chegada dos muçulmanos à Espanha levou à divisão do antigo estado visigótico, no decorrer dos séculos, em três partes, com características cada vez mais distintas entre si: os Hispani ou Espanhóis do sul que se islamizaram progressivamente ou emigraram para o norte; Al-Andaluz, local onde florescia a civilização do emirato e a formação do Califado em Córdoba anos mais tarde.

Apenas pequenos reinos cristãos sobreviveram à invasão: na Cordilheira Cantábrica (Astúrias/ Galícia) e nos Pirineus (Navarra/ Aragão), além do condado da Barcelona. Esses reinos recusaram-se a pagar os tributos ao invasor e organizaram-se na tentativa de recriar um reino herdeiro/continuador do visigótico, num meio tipicamente rural. Embora os cristãos tivessem ocupado essa região por séculos, os emires governaram tranquilamente.

Sendo assim, uma parte do reino visigodo foi substituído por Al-Andaluz, território sujeito à lei muçulmana, conhecido por suas manifestações artísticas de alto grau de refinamento, com a presença de um mundo de poetas, de filósofos, de letrados e de artistas que mudaram radicalmente não só a História da Espanha, mas do território como um todo.

Outro fato mudaria a História da península ibérica: em 750, em solo sírio, os Omíadas foram depostos pelos Abássidas em um confronto sangrento, no qual Abd al-Rahman foi o único sobrevivente. O jovem, com menos de vinte anos de idade, fugiu em direção ao oeste, atravessou o Norte da África e com sua chegada à Hispania se sentiu seguro e fora do alcance de seus inimigos. Ao chegar ao “Ocidente Longinquo”, descobriu que muitos de seus parentes de origem berbere (sua mãe pertencia a uma tribo das cercanias marroquinas) já haviam emigrado e se convertido ao Islã.

Em al-Andaluz, sua presença causou grande inquietação ao emir: por ser herdeiro e descendente dos guerreiros do deserto, que foram companheiros do próprio Maomé e berbere legítimo, Abd al-Rahman poderia facilmente contar com a lealdade tanto dos soldados quanto do povo daquelas terras. Para solucionar essa

situação, o emir aflito ofereceu ao jovem refúgio permanente e a mão de sua filha em casamento.

Entretanto, esses “privilégios” não satisfizeram o rapaz : com a ajuda de forças leais sírias e berberes, Abd al-Rahman derrotou facilmente aquele que seria seu sogro, tornando-se o novo governante da província e, assim, solidificando a permanência árabe no país em 756, além de ramificar a dinastia omíada na Península até 1031.

Essa tomada de território feita pelo príncipe omíada sinaliza as próximas ações muçulmanas na península: a população aumentou, a economia prosperou a passos largos, as rotas pan-mediterrâneas de viagens e comércio foram retomadas e, com o tempo, expandidas, as cidades tornaram-se cosmopolitas. Sem contar com a área rural que se desenvolveu vivamente, com a introdução de novas plantas e novas técnicas, como a irrigação.

Os muçulmanos aperfeiçoaram as estruturas específicas construídas pelos visigodos conquistados em solo espanhol: uma rede de cidades e de vias de comunicação, bibliotecas e escolas. A língua árabe começou a ser a língua franca da época, falada entre diferentes religiões, como meio de expansão comercial entre a Europa e os países do Oriente. Segundo Poliakov:

Somente em nossos dias é que o verdadeiro alcance dessa islamização da Espanha começa a ser plenamente compreendido. Conhece-se agora o papel decisivo da cultura hispano-mourisca na formação da filosofia, da ciência, da poesia, de toda cultura da Europa cristã. Sua influência atingiu até os cimos do pensamento medieval, até a Summa de São Tomás de Aquino e a Divina Comédia de Dante. (POLIAKOV, 1961, p. 74)

Por sua vez, as bibliotecas das cidades espanholas dão a proporção do grau de importância que a Palavra tem para o fiel do Islã. O pergaminho foi substituído pelo papel, cujo preço era infinitamente menor, além de aumentar o número de leitores e facilitar a transmissão de conhecimento entre gerações.

... cultuava a Palavra como um tesouro, construídos por governantes que os consideravam relicários (...) Porém havia muitos outros mais, inclusive livros que teriam deixado perplexo qualquer visitante cristão,

que certamente só dispunha de conhecimentos vagos sobre o mundo clássico. (MENOCA, 2004, p. 45)

Esse rico acervo não denota apenas o poderio intelectual desse povo; para angariar e manter essa variedade de obras era fundamental uma economia forte, condição garantida pelo trânsito comercial em todo o Mediterrâneo, sem contar com a circulação de inovações tecnológicas.

Para amenizar suas saudades da terra natal, Abd al-Rahman tentou trazer para al-Andaluz elementos característicos da Síria, local ao qual nunca mais pôde retornar. Dentre os vários monumentos construídos em homenagem a sua terra natal, Rusafa é o palácio que simboliza essa tentativa de adequação dos elementos sírios em solo andaluz. Na Síria, ao sul do Eufrates, no meio das estepes, existia uma cidade antiga e misteriosa, cercada por muralhas. Os omíadas a transformaram em retiro familiar e local onde a família do príncipe foi encontrada e assassinada. Abd al-Rahman construiu um palácio, com a presença de um jardim botânico para si e sua família, onde colecionava plantas, dentre elas as palmeiras de sua terra natal. Ele considerava esse palácio como sua nova Rusafa.

O fato que garantiu sua administração tranqüila e próspera, assim como de seus sucessores por um quarto de século, foi a recusa de abrir concessões tanto para os sírios quanto para os berberes. Abd al Rahman administrava al-Andaluz com firmeza, sem fazer qualquer concessão tanto a berberes quanto a sírios, cujos povos se mantinham em constante rivalidade, sendo um grande entrave para construção de um estado próspero e grande. Recusou-se a fazer jogo de disputas entre tribos e, com o tempo, esta decisão revelou-se bem sucedida.

Al-Andaluz possuía uma identidade bem distinta: assim como o príncipe omíada trazia em sua linhagem uma mistura étnica, parte árabe, parte berbere, em poucas gerações, os cidadãos andaluzes estavam miscigenados em diferentes grupos étnicos, contrastando com os visigodos distinguíveis por seus traços que se afastavam da população local.

Logo, a presença do Islã na península ibérica marcou não só a transformação na vida política, mas igualmente na sociedade, na economia e na cultura dessa parte do continente. Não só a península, mas a Europa pós-românica

como um todo, era um local material e culturalmente estéril. Com isso, gradativamente, um novo império foi construído:

A gloriosa cidade de Córdoba, bem como o estado de al-Andaluz da qual era capital, haviam preenchido aquele vácuo cultural, material e intelectual no Ocidente. (Idem, 2004, p.46).

Esse largo desenvolvimento muçulmano é abalizado por generais talentosos, guerreiros calejados pelo deserto, com disposição inesgotável e a grande vantagem de mobilidade perante os inimigos, cujos exércitos estavam acostumados a operações mais lentas. Quanto à ciência, esse povo superou seus antecessores; nota-se sua contribuição não só no comércio, assim como nos campos da farmacologia, da botânica, das invenções, da astronomia e de outros ramos do conhecimento:

A difusão cultural dentro do mundo islâmico é mais uma vez perfeitamente ilustrada pela recepção do saber do Oriente Médio no extremo ocidente, que rapidamente perdia sua característica rústica. (FLETCHER, 2004, p. 69)

A mesquita central andaluza e a grande mesquita de Córdoba são exemplos da abertura muçulmana a novos estilos, a não destruição de patrimônios pertencentes a povos por eles conquistados, mas a reconfiguração dos acervos culturais encontrados nesses territórios :

A Grande Mesquita de Córdoba, com seus inequívocos acenos de respeito e nostalgia por territórios omíadas mais importantes no velho mundo, tornou-se um adorável exemplo de diálogo entre o presente e o passado, uma forma de dar nova vida ao passado, ou de reescrevê-lo para que se tornasse inteligível no presente. (MENOCAL, 2004, p. 69)

Outro ponto importante foi o rápido movimento de conversões ao Islã tanto de cristãos quanto judeus durante esse período devido a pressões cotidianas vindas da vizinhança, do matrimônio, da necessidade de apadrinhamento ou influências de companheiros na juventude. As conversões aparecem como consequência das conquistas:

O número de mesquitas ultrapassou em muito o de igrejas, e a mesquita central transbordante de fiéis às sextas-feiras estava sendo ampliada novamente. (idem, 2004,p.76)

Dentre os fiéis perdidos pelo Cristianismo estavam as crianças nascidas de casamentos mistos, até mesmo quando as mães permaneciam cristãs. Esse fato poderia ser facilmente constatado pelo número de mesquitas que ultrapassou sensivelmente o número de igrejas, ou pelo levantamento do contingente de fiéis que freqüentavam mesquitas às sextas-feiras.

Nem no pensamento do Profeta, nem no sistema de sua religião, ou na política dos califas houve o propósito de que a judeus ou a cristãos fosse pedida a conversão ao Islã (a quem o Corão chama de “Povo do Livro”), a menos que, particularmente, assim o quisessem, visto que essas duas religiões monoteístas tinham recebido revelações próprias, cujos ensinamentos eram perfeitamente válidos. Os conquistadores muçulmanos lamentavam vivamente as conversões porque isentando do imposto os “novos” fiéis, diminuía as arrecadações do Tesouro.

Em geral, os cristãos sob domínio árabe, denominados *mozárabes* (tornado árabe ou arabizado), grupo de suma importância em virtude de sua representatividade na sociedade hispânica, participavam da civilização ambiente, exceto de todo serviço militar que só poderia ser desempenhado pelo fiel ao Islã. Além disso, os mozárabes assimilaram elementos da cultura muçulmana, mesclada à conservação de suas antigas divisões sociais: classe servil, clero e classe nobre.

As condições sociais exigidas pelas lideranças islâmicas a esse grupo eram o pagamento de impostos diferenciados (conduta de arrecadação de dinheiro através de tributos adotada posteriormente pelos cristãos aos muçulmanos ou mais conhecidos como *dhimmis*), além da restrição de manifestações públicas de religiosidade:

... cristãos e judeus eram impedidos de fazer proselitismo com muçulmanos, de construir novos templos, de exhibir crucifixos e de trocar sinos. Em suma, eram-lhes proibida a ostentação pública de seus rituais religiosos. (op.cit., 2004, p. 81)

O processo de arabização simbolizou nitidamente a possível permanência do cristão ao lado do muçulmano, embora houvesse um grupo de cristãos inconformados tanto com a arabização quanto às conversões.

Com o poderio omíada na Espanha, notou-se grande ascensão do povo judeu; vindo do norte da África, fixou-se em Toledo, Córdoba e Granada. Desempenhavam as funções de comerciantes, viajantes e escribas dos chefes muçulmanos, além de vender, comprar ou até mesmo cultivar terras:

Os judeus andaluzes optaram por uma terceira alternativa: deixaram-se assimilar pela cultura islâmico-árabe dos omíadas e continuar a ser uma comunidade religiosa devota e praticante, mantendo intacta a língua de sua religião sua religião. (MENOCAL, 2004, p. 93)

Percebe-se, então, que o solo espanhol constituía-se num mosaico de raças, religiões e idiomas, garantindo, desse modo, a multiplicidade cultural, configurando o país como “a Espanha das três religiões”:

... cristãos, judeus e mouros da Espanha das Três Religiões ultrapassavam em inesquecíveis ocasiões as barreiras de toda natureza em suas relações sociais. (POLIAKOV, 1961, p. 100)

Em várias ocasiões, a obra *Sombras da Romãzeira* expõe essa tolerância praticada pelo muçulmano através do respeito na manutenção dos elementos significativos de outros universos de fé, o que não aconteceu quando a Igreja Católica assumiu o poder em solo ibérico:

Eles dominaram grande parte de nossa península. Fizeram isso sem queimar Bíblias, nem derrubar todas as nossas igrejas, nem incendiar sinagogas para construir suas mesquitas. Eles não são um fenômeno sem fundamento.²⁵

No que diz respeito à economia, o estímulo à produção de matéria primas ocidentais pelas metrópoles muçulmanas suscitou avanços nos campos econômico e tecnológico no Ocidente. Essa ascensão proporcionou maior qualidade de vida

²⁵ “They have ruled over a very large portion of our peninsula. They did so without burning too many bibles or tearing down our churches or setting synagogues alight in order to build their mesquitas. They are not a rootless phenomenon.” (*op.cit.*, 1993, p.63.)

e, como consequência, o aumento demográfico que veio a ser um dado decisivo na expansão do Cristianismo.

Mesmo que o processo de arabização tenha proporcionado uma possível permanência do cristão ao lado do muçulmano, simbolizando um avanço em todos os sentidos para ambos, havia outro grupo de cristãos inconformados tanto com a arabização quanto com as conversões.

4.2. O Processo de Reconquista

O processo de Reconquista pode ser entendido como a existência de uma guerra ou confronto religioso vindo de cristãos, descendentes de visigodos que se refugiaram na região das Astúrias, no norte da península. Inconformados com a perda de território, investiram toda sua autoridade e poder para expulsar os muçulmanos, considerados intrusos, ocupantes de uma área que, por direito, pertenciam a seus ancestrais, e restaurar definitivamente a monarquia visigoda com a reconquista territorial.

Com incessantes embates, cristãos e muçulmanos passam a viver lado a lado em um estado de aversão religiosa mútua, com a constante possibilidade de confrontos violentos; os primeiros consideravam os árabes heréticos do ponto de vista cristão: eram encarados como pessoas diferentes e desagradáveis. A expansão moura só poderia ser explicada do ponto de vista teológico, isto é, suas conquistas eram sinônimo de castigo divino, ira de Deus contra os pecadores.

Sob essa ótica, num primeiro momento, havia o nítido propósito de limpeza étnica, com a finalidade de tornar o território exclusivamente cristão, com o restabelecimento da antiga organização social e econômica:

*Nem a Reconquista, nem as Cruzadas tinham a intenção de converter ninguém pela força, mas exatamente expulsar os infiéis do território considerado cristão.*²⁶

Atualmente, estudiosos ingleses, ao rever essa fase histórica, incorporaram a Reconquista ao estudo das Cruzadas, pois ambos os fatos tinham como

²⁶ "Neither the reconquest nor the crusades were intended to convert anyone by force, but rather to evict them from territory claimed by the Christians." (O'CALLAGHAN,2003,p.11)

objetivos o domínio territorial pelos soldados cristãos, com a anuência papal, e o fortalecimento da Igreja nos territórios ocupados.

Os clérigos da Idade Média idealizavam a sociedade dividida em três ordens, segundo a vontade divina: aqueles que rezavam (padres, monges e clérigos); aqueles que combatiam (aristocráticos cavaleiros) e aqueles que trabalhavam (todo o restante da população). Essas três ordens estariam devidamente alinhadas, hierarquizadas e solidárias, formando um conjunto.

Em 1095, em Clermont, na França, o papa Urbano II conclamou todos os cristãos do Ocidente a se lançarem em uma Cruzada que deveria reconquistar a Terra Santa dos infiéis muçulmanos:

Quando em 1095 o papa Urbano II acendeu o fogo das cruzadas em Clermont e quando São Bernardo o reanimou em 1146 em Vézelay, ambos pensavam em transformar o estado de guerra crônico vigente no Ocidente numa causa justa, a luta contra. Queriam purgar à Cristandade do escândalo e dos combates entre correligionários, dar ao ardor belicoso do mundo feudal uma finalidade louvável... (LE GOFF, 2005, p. 66)

Além da adesão dos príncipes a esse movimento, os cruzados espanhóis eram sempre ajudados por outros soldados vindos do exterior. Outra forma de recrutar membros para as batalhas era obrigar incendiários a servir, militarmente, um ano em Jerusalém ou na Espanha como punição de seus delitos.

Os papas seguintes corroboraram com as ações contra o Islã iniciadas por seus antecessores: incentivaram príncipes a se unirem à causa, proibindo ações independentes; criaram pactos de colaboração; ofereceram menores benefícios àqueles que serviram por um mês ou contribuíram financeiramente; intensificaram a pressão sobre os taifas; como forma de reafirmação da hegemonia papal, se auto denominaram “imperadores de toda a Espanha”: “... *entrar naquele território e tirá-lo das mãos dos pagãos em honra a São Pedro...*”²⁷

Embora o papa não se referisse à ação militar explicitamente, fica patente que havia uma razão nobre para que tal ação ocorresse: a implantação do Cristianismo em solo dominado pelos infiéis. Dessa forma, em um primeiro momento, não havia o interesse em conversão pela força, mas a expulsão dos

²⁷ “... enter that land and to rip it from the hands of the pagans for the honor of St. Peter (CALLAGHAN, 2005, p. 27.)

muçulmanos, em virtude da dificuldade ou até mesmo da impossibilidade de assimilação e aceitação dos pontos de vista divergentes que norteiam as três grandes religiões.

É importante ressaltar que tanto as sociedades cristãs quanto as muçulmanas são exclusivistas, trazendo diferenças não só sociais ou legais, dificultando, ou até mesmo, impossibilitando a assimilação e aceitação dos diferentes pontos de vista que caracterizam esses povos. O Islã é uma fé pautada em um único texto sagrado, o Corão, contrastando, dessa forma, com o Catolicismo que é multitextual, gerando diferentes leituras, fragmentações, deturpações: a presença do mistério da Santíssima Trindade Cristã, a Ressurreição e a Encarnação são inaceitáveis nos preceitos muçulmanos; a não separação dos elementos sagrados dos seculares na vida cotidiana do fiel muçulmano são diferenças básicas que dificultam a integração entre essas duas religiões.

Sob esse prisma, ser judeu, cristão ou muçulmano não significa apenas ser fiel a uma doutrina monoteísta, mas aceitar inteiramente os sistemas culturais e de valores que ditam hábitos diários, as tradições, as leis, a língua, a vida em todas as suas nuances:

... diferenças fundamentais entre Islã e Cristianismo impossibilitaram o entendimento fácil e o diálogo harmônico. O monoteísmo austero do islã considera as doutrinas cristãs da Trindade e da Encarnação incompreensíveis e desagradáveis. O que é um Deus que é de alguma forma 'divisível', um Deus que pode se transformar num homem, numa pomba, ou num cordeiro, senão uma forma de politeísmo ou idolatria-crenças repetidamente condenadas no Corão? (FLETCHER, 2004, p. 21)

A violência era efetivamente justificada se posta a serviço do “bem”, da “paz”, em prol da Igreja, visto que tudo que não era compreendido pelo Cristianismo era sinônimo do Mal. Os cavaleiros que combatiam a serviço da Igreja, portanto, não eram considerados maus.

Desse modo, essa fase de reconquista territorial a serviço de Deus foi marcada por ações militares, com destruições materiais e humanas, desrespeitando a pluralidade cultural e religiosa dos habitantes do solo espanhol, enfatizando, desse modo, o conflito entre duas sociedades, cujas características temporal/

espiritual e sagrada/secular eram totalmente integradas, tanto no foro íntimo quanto na coletividade.

Ficava a cargo da Igreja Católica a “difícil” tarefa de legitimar a guerra. As ações que marcaram todo o processo das Cruzadas resultaram de uma mescla de motivações demográficas, econômicas, nacionais e, especialmente religiosas:

... a ascensão dos grandes, tanto os proprietários de terras quanto os cavaleiros, deu origem a uma classe capaz de se apropriar das oportunidades econômicas que lhe foram oferecidas. (LE GOFF, 2005, p. 55)

As fontes de pesquisa dessa época pautam-se especialmente em narrativas de época estimuladas pelas campanhas dos cruzados, ao passo que o mundo muçulmano não deu a mesma atenção a esses acontecimentos:

Na cristandade, ao contrário, havia um ávido interesse pelo Dār-al-Islâm, um interesse que circulava em vários canais diferentes, às vezes convergentes, às vezes não. (FLETCHER2004,p161)

Da metade do século XI à metade do século XII, o período de Reconquista Cristã trouxe avanços importantes. Com a desintegração do califado de Umayyad, em Córdoba, no século XI, houve uma alteração significativa no aspecto político com a implantação de uma série de principados menores conhecidos como **taifas** (época de fragmentação da Espanha muçulmana, depois da queda do califado, em 1031): Badajoz à oeste; Sevilha, Granada e Málaga ao sul; Toledo ao centro; Valência e Denia ao leste. Com a presença da rivalidade endêmica entre esses principados, tornando-os vulneráveis e a fraca possibilidade de reunir um poderio bélico muçulmano expressivo, as taifas tornaram-se presas fáceis para as investidas dos cristãos.

O grande dano que afetou o conjunto foi de natureza política: todos os principados cristãos que estavam submetidos ao poderoso califado como Portugal ao noroeste; Galícia, Léon e Castela ao norte; Navarra e Catalunha ao leste. Todas essas regiões passaram da defensiva ao ataque. Devido à ameaça constante, a população desses territórios fronteiriços estavam preparados à luta armada.

A partir do ano de 1017, a Igreja Católica pregava a Cruzada ou a “Guerra Santa” contra os muçulmanos espanhóis: soldados eram continuamente ajudados por cavaleiros vindos de Borgonha, Champanha e Normandia.

Entretanto, houve um fato que beneficiou os muçulmanos em um primeiro momento: em 1063, dois anos antes de sua morte, Fernando I de Castela, conhecido como “o Grande” ou “o Magno”, em seu testamento, dividiu os reinos de Castela, León e Galícia, assim como os tributos anuais das taifas de Zaragoza, Toledo, Sevilha e Badajoz. Por ser primogênito, Sancho herdou o reino principal, Castela; o restante de seus domínios foi dividido entre Afonso (Leão) e Garcia (Galícia); suas filhas, Elvira e Urraca, herdaram dois mosteiros.

Após a morte de Fernando I, seus três filhos começaram a lutar entre si: o primeiro, Sancho, tomou todo o território, banindo seu irmão, Afonso que fugiu para Toledo onde foi bem recebido pelo rei árabe.

Em 1072, com o assassinato de Sancho, a mando de sua irmã, Urraca, Afonso regressa imediatamente a Castela para apossar-se de toda herança paterna. Como Afonso VI, seu reinado foi marcado pela opressão política e extorsão econômica às taifas mouras: exigia dos príncipes mouros o pagamento de tributos cada vez mais altos. Com isso, conseguiu que a maior parte dos reinos de taifas, de al-Andaluz se tornassem seus tributários.

Em 1085, aproveitando o pedido de ajuda do rei taifa de Toledo contra um usurpador, resolveu atacar de surpresa essa cidade e aceitou a sua rendição em 25 de maio. Após essa vitória, passou a intitular-se *imperador das duas religiões*. Esse fato foi considerado um duro golpe em toda a Espanha muçulmana. A ocupação do reino de Toledo por Afonso VI significou a inclusão do território entre o Sistema montanhoso central da Península Ibérica e o rio Tejo no seu reino. Além disso, essa conquista fez com que se iniciasse uma grande atividade militar contra as taifas de Córdoba, Sevilha, Badajoz e Granada.

Nessas circunstâncias, os reis das taifas decidiram pedir ajuda ao novo poder berber dos almorávidas. O emir Yusuf ibn Tashfin atravessou o Estreito de Gibraltar e venceu Afonso VI na batalha de Zalaca, perto de Badajoz. Embora os mouros tenham cercado Toledo, não lhes foi possível a posse da cidade. Nos últimos anos do seu reinado, Afonso tentou sem sucesso impedir a consolidação

da dinastia almorávida em Andaluzia. Ocuparam as taifas do sul da Espanha e a Taifa de Dénia e impuseram-lhe uma nova derrota na batalha de Uclés em 1108 , onde morreria Sancho Alfónsez, o seu único filho varão. A coroa passaria assim para as mãos da sua filha Urraca enquanto que Teresa, herdaria o Condado Portucalense.

Sombras da Romãzeira, na voz de uma de suas personagens, dedica seu oitavo capítulo a explicitar ao leitor as razões que levaram os muçulmanos a perder seu domínio na região:

*Nossas derrotas são conseqüências de nosso fracasso em preservar a unidade em al-Andaluz. Deixamos o califado acabar... Fundamos muitas dinastias, mas não conseguimos encontrar uma forma para governar nosso povo de acordo com os ditames da razão. Não conseguimos estabelecer leis políticas, que podiam ter protegido todos os nossos cidadãos os caprichos de governantes arbitrários.*²⁸

Em virtude da descontinuidade civil de séculos, da política instável, da fragmentação religiosa e étnica, da disputa pela superioridade entre as taifas, dos desgastes militares e sociais não foi difícil a reconquista e reocupação dos cristãos na Espanha.

Com a batalha de Las Novas de Tolosa, acontecimento militar entre cruzeiros e bandeiras, de um lado, e muçulmanos, de outro, o período da Reconquista cristã é definitivamente efetivado na Península Ibérica. Com esse feito, notou-se a queda das seguintes cidades: Córdoba em 1236, Valência em 1238, Sevilha em 1248 e Granada em 1492.

Com a derrota nessa batalha, o poder muçulmano foi perdido rapidamente: a Espanha muçulmana se desmembrou em muitos principados. Com essa divisão em principados (taifas), os exércitos cristãos conseguiram dominar essa região com maior facilidade.

²⁸ “Our defeats are a result of our failure to preserve the unity of al-Andaluz. We let the Caliphate collapse ... We founded many dynasties, but failed to find a way of ruling our people according to the dictates of reason.” (ALI, 1993, p.127.)

A “libertação” do reino das mãos dos árabes, seguido de confisco de seus bens e de sua expulsão, resultaria, do ponto de vista visigótico, no resgate da terra “perdida”, além do crescimento e do fortalecimento da Religião Cristã:

... considerava os árabes um povo destrutivo, que investia como aves de rapina para se apoderar do que fosse possível encontrar. Diferentes em seus hábitos, não eram pessoas como a gente: usando o que hoje seria chamado de estereotípi cultural (...) repeliu o árabe como o desagradável Outro. (FLETCHER, 2004, p. 24)

Com o paralelismo entre as Cruzadas e a Reconquista, a Espanha tornou-se palco de implantação e experimentação de ordens militares, com a utilização de tropas destinadas à peregrinação à Terra Santa até a formação de novas ordens que seriam dedicadas, acima de tudo, à Reconquista: Calatrava, Santiago, Alcantara e Avis.

Ainda que haja poucos documentos disponíveis, porque os medievalistas centraram suas pesquisas apenas na França e na Inglaterra, a batalha épica entre o Islã e a Cristandade pelo Mediterrâneo estendeu-se por muitos séculos, ocupando um lugar de destaque na Europa Medieval. Contudo, para muitos historiadores, a data de chegada dos berberes à península no século V marca o início da Idade Média e o seu final acontece com a tomada de Granada em dois de janeiro de 1492 (a partir dessa data e por decreto papal, os governantes da Espanha, Castela e Aragão passariam a ser conhecidos como os Reis Católicos): *“Aquele tomada da praça forte muçulmana era apenas cerimonial, já que todo o território encontrava-se dominado pelos militares castelhanos.”* (MENOCAL, 2004, p. 243)

Esse momento histórico pode ser entendido sob duas óticas distintas; para muçulmanos e judeus, o evento caracterizou o término de uma fase frutífera se abalizada dos pontos de vista científico-cultural; entretanto, para cristãos o mesmo fato significou o triunfo, o início do período de Ouro não só para a península, mas para o continente como um todo.

4.3 Granada: última taifa conquistada.

Granada conseguiu sobreviver as investidas cristãs por quase dois séculos e meio, a partir do momento em que Muhammad Ibn Ahmar, príncipe da dinastia árabe dos nâsridas que conquistou Granada em 1238, não deixou de manter a fidelidade ao tratado de vassalagem à Castilha, assinado por Fernando III. Esse tratado obrigava essa taifa a pagar tributos anuais a seu suserano, além de obrigar os soldados granadinos a prestar serviço armado na conquista da Espanha árabe.

Apesar dessa adversidade, Ibn Ahmar conseguiu enriquecer o principado de 150 mil habitantes, com sua conduta justa, capaz, forte que logo ganhou a confiança da população granadina. Construiu hospitais, casas de banho e fontes, além de levantar altas muralhas defendidas por torres, como forma de proteger a cidade.

Ibn Ahmar, ao se estabelecer em Granada em 1248, ergueu o velho Forte Vermelho e a preparou para que tornasse cidade palatina, reconstruindo as muralhas fortificadas e levando até a cidade água proveniente das montanhas. Outro fato que fez com que Granada resistisse aos momentos de guerra foi a existência de uma fortaleza natural de serras que circundeavam todo o reino.

No princípio do século XIII, a poderosa dinastia omíada de Al-Andaluz havia desaparecido; tudo que restava da Espanha muçulmana resumia-se ao pequeno reino nâsrida, no sudeste da Península (fundado por Muhammad I ibn al-Ahmar em 1238 a 1492 com a rendição do sultão Abu 'Abd Allâh Muhammad XII, conhecido como Boabdil aos reis católicos).

Conhecida como “Granada dos Judeus”, foi o último reino muçulmano criado na Europa no período Medieval. Era considerada uma versão em miniatura do que havia sido Al-Andaluz, erguida nas encostas da Serra Nevada.

No perímetro de suas muralhas de argila vermelha, os nâsridas construíram mesquitas, vilas, banhos públicos, uma casa da moeda, um cemitério, barracões, seis palácios e uma depuradora de água que alimentava jardins exuberantes, fontes e lagos. Também nesse período foi construído o mais espetacular de todos os palácios da memória muçulmana na Espanha, o *Alhambra*, sede do governo nâsrida (foi mais do que um palácio: era uma cidade real em

escala reduzida, com a presença de residências, edifícios administrativos, quartéis, mesquitas, escolas, balneários, cemitérios e jardins.)

A arte decorativa de *Alhambra* é composta de arabescos com um número ilimitado de variantes: vale lembrar que não existe diferença essencial nas artes religiosas e civis: uma casa pode ser tanto um local de oração, onde o fiel pode praticar sua fé como se estivesse em uma mesquita como em sua habitação: “*As rosas geométricas ou estrelas que ora se combinam, ora se despregam continuamente são nascidas totalmente do espírito islâmico.*”²⁹

Embora sua tomada pelos Reis Católicos tenha acontecido em dois de janeiro de 1492, o Acordo de Capitulação com os termos de rendição da cidade, que foi uma referência de resistência muçulmana por 250 anos, havia sido negociado secretamente meses antes entre o último governador Boabdil e os Reis Católicos. Não houve nenhum derramamento de sangue ou qualquer destruição do patrimônio muçulmano. A conhecida expressão “o último suspiro do mouro” refere-se à grande tristeza de Boabdil ao partir de Granada, cidade dos nâsridas durante quase três séculos.

O documento de rendição previa o compromisso de permitir que a prática religiosa dos muçulmanos fosse livre, sem qualquer constrangimento por parte do Novo Estado Cristão, garantindo, desse modo, pleno direito a esse povo de exercer sua cidadania. No entanto, em um curto espaço de tempo, essa condição foi revogada pelos Reis Católicos:

as autoridades religiosas decretavam, com freqüência, que a presença de muçulmanos em um reino cristão era inaceitável e profana. (MENOCAL, 2004, p. 245)

Embora os muçulmanos desempenhassem papéis sociais, econômicos e políticos em estados cristãos, tão logo os Reis Católicos receberam as chaves de Granada, os cristãos passaram a agir de acordo com o que sua tradição medieval lhes havia ensinado: assenhorearam-se plenamente dos lugares que antes pertenciam à cultura moura:

²⁹ “Totalmente nacidas del espíritu islâmico son las rosas geométricas o estrellas que se combinan y despliegan continuamente.” (BURCKHARDT, 1989, p.241)

Não apenas ocuparam os palácios náridas, como também a piedosa Isabel mandou consagrar a mesquita e lá passou dizer suas preces. (...) Bastava um gesto ritual com a mão para transformar uma mesquita em uma igreja perfeitamente adequada. (MENOCAL, 2004, p. 247)

O objetivo inicial cristão de eliminar definitivamente a influência muçulmana na região não pôde ser levada adiante: essa conduta foi revista rapidamente devido ao grande número de habitantes de origem muçulmana nas cidades espanholas; os indesejáveis mouros eram peças fundamentais para que essas cidades pudessem continuar a funcionar. Dessa forma, foi imprescindível que os colonizadores cristãos permitissem que os habitantes não-cristãos retornassem aos seus lares e retornassem suas tarefas:

... o suntuoso way of life dos antigos senhores de Toledo, Córdoba ou Valência não podia deixar de seduzir os conquistadores e impor-se a eles. Mais uma vez na história, os vencidos impunham seus costumes, sua maneira de viver, em suma, sua civilização, aos vencedores. (Le Goff, 1961, p.93)

Os muçulmanos que decidiram voltar para suas casas foram obrigados a se converter e passaram a ser chamados de mouriscos. Os dominadores cristãos determinaram que a leitura de livros em árabe fosse proibida e que muitas obras foram queimadas. A língua castelhana foi implantada em solo espanhol e, com isso, a era dos tradutores chega ao fim, já que uma nova língua substituiria todas as outras.

Após três meses, o acordo assinado tanto pelos reis católicos quanto pelo último governante mouro foi descumprido; no dia trinta e um de março de 1492, foi assinado um edito de expulsão dos judeus da Espanha Cristã, causando grande perplexidade e desespero de toda comunidade judaica, pois esse povo contribuiu veementemente com o progresso das cidades que estavam sob domínio muçulmano nos séculos X e XI:

Depois de 1492, as religiões de uma parte significativa da população da Espanha foram violentamente reprimidas e, por fim, extintas. Das fogueiras de idéias, de livros e de gente nasceu a ilusão de que poderia existir uma identidade nacional e religiosa pura. (MENOCAL, 2004, p. 259)

A partir desse momento, iniciam-se as perseguições de judeus e muçulmanos e a instauração do processo inquisitorial da Península.

4.4. A Narrativa Ficcional

Logo no início da narrativa, *Sombras da Romãzeira*, é marcada pela objetiva exposição de momentos conflituosos trazidos pelos cristãos no período da Reconquista Espanhola, cuja dominação território-cultural era exercida desde o século IX pelos árabes. Tais conflitos desencadeiam reações adversas ao estratagema de conversão à nova fé e o processo de “ocidentalização” instaurados pelo Santo Ofício sob o comando de Francisco Jimenez de Cisneros, confessor da rainha Isabel e organizador de todas as ações coercitivas contra os personagens que vivem em Granada, após oito anos da entrega da cidade aos reis católicos: “*Quero deixar claro que não estamos interessados em vingança pessoal. Falo como autoridade tanto da Igreja quanto da Coroa.*”³⁰

Nesse romance, essa figura poderosíssima do clero é também caracterizada por traços humanos, com a presença de suas fraquezas e virtudes, o que possibilita transitar e agir livremente, além de justificar suas ações no decorrer de toda narrativa: “*os xingamentos que teve de agüentar quando criança não tinham fundamento. Ele não descendia de judeus. Nenhum sangue mestiço sujava suas veias*”³¹

Embora Cisneros, em vários momentos da obra, negue sua descendência judaica, seus traços fisionômicos remetem a essa etnia: pele escura, nariz adunco e grande, olhos escuros. Por ter sido marginalizado por esse motivo, carrega o recalque durante toda a fase adulta. Além disso, seus adversários lançam comentários jocosos que reforçam sua posição perante sua fé e sua tirania e

³⁰ “ I wish to make it clear that we are not interested in the pursuit of any personal vendettas. I speak to you with the authority if both Church and Crown.” (idem,1993,p.2)

³¹ “The childhood jibes he had endured were false. He had no Jewish ancestors. No mongrel blood stained his veins” (op.cit,1993,p.14)

desprezo no trato com pessoas que não compactuam com o seu universo de fé: mouros e judeus da península:

*Minha pele pode ser escura, meus olhos não são azuis, mas castanho-escuros e meu nariz é adunco e grande, mas, mesmo assim tenho certeza, sim, certeza de que meu sangue não é sujo.(...) Por que eles cochicham que tenho sangue judeu?(...) Meu sangue é puro! Puro como faremos que um dia seja esse reino.*³²

O narrador, distanciado da ação, descortina a fragilidade dos personagens o tempo todo. A humanização dos seres ficcionais, com a exposição de seus sentimentos, aproxima o leitor, além de destituir seus caracteres míticos, idealizados, presentes em outras escolas literárias:

*Delegam sua representação a um mundo fictício em que os heróis dos livros... Neles, com eles e através deles sofrem, combatem e triunfam, sem alterar um milímetro suas opacas existências.*³³

Por outro lado, os atributos positivos dessa personagem também são mencionados na narrativa: embora ele tivesse alta posição clerical, não desfrutava de privilégios que condiziam com sua situação, causando estranheza nos cinco veteranos da Reconquista, comandantes da primeira ação cristã contra os mouros na Espanha: “*Eles ainda não tinham se acostumado com um padre que vivia de acordo com o que pregava.*”³⁴

Essa personagem histórica simboliza toda a vilania exercida pela Igreja Católica nessa época. No romance de Tariq Ali, Cisneros articula ações que visem à eliminação total e absoluta da herança deixada pelos árabes, após a ocupação cristã: fechamento de balneários, na tentativa de impedir as reuniões de possíveis dissidentes do Catolicismo; fiscalização e punição de cristãos-novos que insistiam em praticar sua fé na clandestinidade, a instauração do processo inquisitorial na Espanha, cujos moldes eram seguidos por Portugal, cinquenta

³² “My skin is perhaps too dark, my eyes are not blue but dark Brown, my nose is hooked and long, and yet I am sure, yes sure, that my blood is without taint.(...) Why do they whisper I have Jewish blood in me? (...) My blood is pure! Pure as we shall make this kingdom one day.” (op.cit.,1993,p.183)

³³ Delegan su representación entonces em um mundo fictício a los héroes de los libros... En ellos, con ellos y a través de ellos, sufren, combaten y triunfan, sin alterar lo más mínimo sus opacas existências. (CAILLOIS,1942,p.31)

³⁴ “They were not yet used to a prelate who lived as he preached” (op.cit.,1993,p.I)

anos mais tarde e organização do primeiro auto-de-fé ocorrido na Europa, com o objetivo de destruir todo o acervo intelectual deixado pelos mouros.

A. O Auto de Fé

“Dois ou, no máximo, três autos-de-fé farão com que essa gente veja que não pode mais brincar com o poder que Deus colocou para governá-la.”³⁵

O auto de fé era o maior rito da Inquisição Hispânica. Tinha efeitos morais e de representação, cujo papel era apresentar, publicamente, de forma teatral, a abjuração, a reconciliação e o castigo, a partir de regras precisas de um modelo comum instituído pelo *Consejo Inquisitorial* (órgão regulador de ações realizadas pelos agentes inquisitoriais), respeitando, dessa forma, as especificidades do contexto social de cada país. Pode-se dizer que esse evento carregou, em seu bojo, elementos decisivos de encenação, especialmente quando a oratória não era um elemento eficaz de persuasão para novas conversões:

...a prática de queimar o corpo dos hereges, não apenas por homologia entre as chamas terrestres e as chamas do inferno, mas também para apagar sua presença da memória das pessoas e para cortar todos os pontos de referência, tornando mais difícil o regresso de sua alma (o que explica a dispersão das cinzas pelo vento ou pela água.³⁶

Com o intuito de causar maior impacto, reunia-se o maior número possível de penitentes. Os condenados eram organizados da seguinte forma: os mais graves eram perfilados no final da fila, ao passo que os indivíduos com faltas de menor gravidade eram colocados à frente do cortejo.

No início, a cerimônia era bastante simples, centrada em grande parte no momento das execuções. No decorrer dos anos, o evento adquiriu maior complexidade: presença de autoridades tanto civis (o rei era convidado para

³⁵ “ Two, or at the most, three autos de fe will make these people understand that they can no longer trifle with the power which God has willed to rule over them.” (id,1993,p.118)

³⁶ Bettencourt,2004,p.258.

assistir ao auto, em virtude da necessidade da presença real no “espetáculo” como suporte visível das ações do tribunal, além de deixar claro à população o reconhecimento da subordinação hierárquica por parte da Igreja Católica) quanto eclesiásticas (proximidade do poder central) legitimando, desse modo, os autos de fé:

No quadro dessa ‘engenharia simbólica’ do auto da fé, a publicação, ou seja, o anúncio público da realização da cerimônia assume um papel cada vez mais importante, porque é o momento mais importante de mobilização da população, de reatualização dos laços com funcionários e os familiares periféricos, de renovação da solidariedade e do apoio dos diferentes órgãos de poder. (BETHENCOURT, 2004, p. 222)

Para que os efeitos representativos desse ato surtisser os resultados esperados, todos os detalhes eram minuciosamente planejados: um édito de anúncio do evento era publicado de oito a trinta dias antes da realização da cerimônia; na semana que antecedia o auto, era necessário mobilizar tanto familiares selecionados que tinham como tarefa acompanhar a procissão dos sentenciados quanto os religiosos encarregados de assistir os condenados.

Havia o cuidado que tal apresentação ocorresse durante o verão e a primavera, visto que se davam ao ar livre os autos públicos. As datas não deveriam coincidir com outras festas litúrgicas importantes, para que as atenções para essa cerimônia não fossem desfalcadas e aos domingos para que houvesse maior impacto e maior número de espectadores. Nos momentos de repressão mais intensa, era normal a realização de dois autos por ano, cuja duração variava de dois até três dias, não apenas pela complexidade da cerimônia, mas pelo número de execuções que podiam chegar a até 200 pessoas nos períodos de maior controle do *Consejo*.

Os lugares mais procurados para sua realização eram as praças principais da cidade ou as ruas principais, com a função de garantir um número expressivo de espectadores. O ambiente era devidamente decorado, por ser considerado um dia festivo, com montagem de palco em local estratégico, circulação controlada por guardas do rei, além de demarcação de lugares de acordo com o estrato social do convidado.

Francisco Jiménez de Cisneros não era apenas o confessor da rainha católica Isabel, mas seu principal conselheiro. Suas atitudes não se pautaram apenas na destruição de livros ou adoção de autos de fé, com o intuito de intimidar os dissidentes da Igreja Católica: promoveu as Cruzadas no Norte da África; sugeriu à Corte Católica a abertura de uma representação em Granada, com o objetivo de colher provas de heresia; determinou a proibição do uso da língua árabe, dos costumes islâmicos e vestuário e o fechamento de balneários, já que esses ambientes eram ideais à discussão e articulação de rebeliões contra a Santa Sé.

Desde o ano de 1499, sob a condescendência dos reis espanhóis Isabel e Fernando, Cisneros dirigiu, pessoalmente, uma campanha de “evangelização” dos mouros em Granada e os resultados dessas conversões foram reconhecidos até pelo Vaticano. Na primeira fase, marcado por um período de terror, os reis católicos espanhóis tiveram como objetivo a perseguição dos “delitos” de fiéis tanto do Judaísmo quanto do Islamismo, causando milhares de detenções e centenas de execuções:

O caso espanhol é exemplar da adaptação estratégica da Inquisição às realidades. Depois do período de terror contra os judeus convertidos, o esgotamento dessa reserva impôs a procura de novas vítimas, por um lado entre os mouriscos, por outro (e sobretudo) entre os cristãos velhos (nesse caso em conformidade com a estratégia da Reforma Católica de cristianização dos campos). (BETHENCOURT, 2004, p. 323)

O auto de fé era comunicado através de documentos denominados éditos: veículos de comunicação entre a instituição inquisitorial e a população. Os éditos também eram usados principalmente para sinalizar os livros vistos como subversivos pelo sistema e foram os documentos mais difundidos pelo órgão inquisitorial espanhol, assim como a prática de inspeções a livrarias, bibliotecas, navios, locais de impressão, importação e distribuição de obras.

Seu local de publicação era variável: os éditos poderiam ser lidos tanto no espaço das igrejas quanto em praças públicas. Embora não fossem atrelados a nenhuma cerimônia, os éditos geralmente tinham grande peso e eram publicados na Quaresma.

*...nunca fazer coincidir o auto de fé com uma festa maior do calendário litúrgico: nem uma única vez foi celebrado no dia de Natal ou no dia de Páscoa, seguramente para não apagar o significado tradicional dessas festas.*³⁷

As penas para os crimes de heresia não se resumiam apenas à excomunhão, confisco de bens e execução do condenado: seus descendentes, em virtude do delito cometido, eram coibidos do exercício de diversos cargos e profissões. No caso de execuções, os clérigos estavam proibidos pelo direito canônico de assistirem às cerimônias de execução, ficando a cargo do tribunal civil a formalização da sentença e seu cumprimento:

*A realização do espetáculo de execução dos relaxados da Inquisição autoridades civis, vigiadas pelos agentes inquisitoriais. Essa distribuição de responsabilidades é explicável, pois os inquisidores, enquanto clérigos, não podiam condenar ninguém à morte. (...) O local dessa cerimônia era diferente do local do auto de fé, situando-se geralmente nas zonas tradicionais das execuções civis- fora das portas da cidade, para não “sujar” a aglomeração urbana delimitada pelas muralhas e consagrada pelos ritos de proteção...*³⁸

O primeiro auto de fé da religião católica na Europa, promovido por Cisneros em Granada, em 1453, apresentado logo no começo do romance de Tariq Ali e retomado em vários outros momentos, pode simbolizar a efetiva derrota moura frente ao embate com os cristãos. Esse ato não foi marcado pela presença de sentenciados: teve como objetivo central a invasão de cento e noventa cinco bibliotecas da cidade, de uma dúzia de mansões onde os melhores acervos particulares eram guardados; coleções inteiras de livros de Matemática, Ciência, Astronomia, Filosofia, Medicina ou qualquer escrito em árabe, além de exemplares do Corão foram confiscados e queimados no Velho Mercado de Seda, que ficava após Bab al-Ramla, em 1º de dezembro do ano de 1499, como ato de desagravo à população de Granada que era “conhecida por sua independência, espírito crítico e relutância em reconhecer superiores.”³⁹

³⁷ idem,2004,p.228.

³⁸ Op.cit,2004,p.254.

³⁹ It was a citizenry well known for its independence of mind, rapier wit, and reluctance to recognize superiors.” (op.cit, 1993, p.3)

Frente a esse fato, os efeitos dessa profanação cultural são ilustrados a partir da reação de todos os personagens granadinos, independentemente da classe social e de seu gênero; a indignação do povo mouro, considerado bárbaro e atrasado frente à intolerância católica, é exposta em toda a narrativa, com o objetivo de fazer com que o leitor possa ver o Islã e os seus seguidores sob outro prisma:

*Eles dominaram grande parte de nossa península. Fizeram isso sem queimar Bíblias, nem derrubar todas as nossas igrejas, nem incendiar sinagogas para construir suas mesquitas. Eles não são um fenômeno sem fundamento. Não podem ser eliminados a chicotadas. Vão resistir e mais sangue será derramado. Deles e o nosso.*⁴⁰

Após esse auto de fé, Cisneros granjeou um prestígio sem precedentes que, em já sua época, e após longo período, legitimou sua condição de biblioclasta, “destruidor de livros”, angariando respeito entre seus pares, principalmente no Vaticano.

De acordo com a narrativa de Tariq Ali, alguns soldados, filhos de camponeses, analfabetos e sem nenhum critério para avaliar os manuscritos recolhidos e que compreenderam a extensão da gravidade do “Auto de Fé”, tentaram amenizar seus efeitos, jogando de propósito, a partir do peso, alguns livros na frente das portas, na esperança de que esses textos fossem resgatados.

Com essa atitude, centenas de manuscritos foram salvos, levados para bibliotecas particulares de Fez, dando uma mostra do que essa sociedade foi capaz e que, insanamente, não foi aproveitado pela “civilização” ocidental.

Ademais, na véspera, trezentos manuscritos foram salvos da destruição: alguns eruditos, a serviço da Igreja, convenceram o mandante desse ato a poupar manuais árabes de medicina e astronomia, cujos textos continham descobertas valiosíssimas nessas áreas e em áreas afins, registradas desde a Antiguidade e que se propagaram da península de Andaluz e da Sicília para o resto da Europa, abrindo caminho à Renascença.

⁴⁰ They have ruled over a very large portion of our peninsula. They did so without burning too many bibles or tearing down all our churches or setting synagogues alight in order to build their mesquitas. They are not a rootless phenomenon. They cannot be wiped out a lash of the whip. They will resist. More blood will be spilled. Theirs and ours.(op.cit,1993,p.63)

Ainda que a tradição oral tenha sobrevivido por algum tempo, pouco restou após o período da Inquisição, que acreditava piamente que “... *o poder dos pagãos só podia ser destruído se a cultura deles fosse completamente erradicada.*”⁴¹

A destruição desses exemplares será lembrada em vários momentos da obra, em diferentes circunstâncias, por personagens pertencentes a camadas sociais diversas, adicionadas a outras ações opressoras da Igreja Católica em “angariar” novos fiéis no território conquistado.

Os éditos de proibição de livros foram os documentos mais difundidos pelo órgão inquisitorial espanhol, assim como a prática de inspeções a livrarias, bibliotecas, navios, locais de impressão, importação e distribuição de obras.

Era um trabalho que detinha tempo considerável, dificultando, desse modo, atualizações, em virtude do constante crescimento da produção de livros na Europa, especialmente ao longo dos séculos XVII e XVIII.

Contudo, a visitação desses locais era feita constantemente: livrarias da cidade eram ocupadas, simultaneamente, pelos familiares do “Santo Ofício” que coíbiam a entrada de qualquer pessoa ao local (até mesmo o proprietário do estabelecimento que tinha a obrigação de emitir, regularmente, a lista de obras a serem vendidas em seu estabelecimento ao Consejo para análise e possível verificação de acervo), preparando, dessa forma, o ambiente para o comissário cuja incumbência era examinar as obras, interrogar o livreiro a respeito de eventuais vendas de livros considerados proibidos, além do envio de livros de difícil controle ao Consejo. Caso o livreiro fosse detentor de exemplares proibidos, ele era submetido a inquéritos e perseguições do tribunal.

A visita de navios, por sua vez, não se limitava somente à inspeção e compilação de livros heréticos, mas de passageiros “suspeitos”:

A visita devia começar pelo interrogatório do capitão e dos oficiais do navio, sob juramento, sobre a existência de livros e sobre a presença de hereges ou de pessoas suspeitas entre os passageiros. Em seguida, o navio devia ser inspecionado com o objetivo de seqüestrar livros proibidos e prender suspeitos. (BETHENCOURT, 2004, p. 204)

⁴¹ “...the heathen could only be eliminated as a force if their culture was completely erased.”(op.cit,1993,p.4)

Essa passagem da narrativa ilustra o posicionamento do autor no que diz respeito à contribuição e à flexibilidade do Islã frente às suas conquistas em solo europeu, fazendo contraponto com a política colonizadora/opressora do Cristianismo:

*... as conquistas do Islã foram brilhantes. Com o crescimento da religião, notou-se o crescimento das idéias e das culturas das nações por ele conquistadas. Por esse ponto de vista, o Islã é uma religião completamente elástica.*⁴²

O romance corrobora as informações encontradas em bibliografia especializada no lugar em que a cultura letrada ocupava no universo árabe, em contraponto ao legado cultural católico, destinado a poucos, apenas iniciados:

*os livros suntuosamente encadernados e decorados eram um testemunho da arte dos árabes da península (...) seu conteúdo literário era invejado por estudiosos de toda a Europa.*⁴³

B. A Inquisição Espanhola

“As inquisições são estudadas, geralmente, não como um problema, mas como um tema consagrado de pesquisa, que se justifica por si próprio, permitindo todos os cortes espaço-temporais e todas as apropriações discursivas.” (Francisco Bethencourt)

Outro aspecto histórico abordado na obra é o processo inquisitorial instaurado na Espanha nesse período. O texto menciona o processo e a sanção àqueles que desrespeitam a ordem pré-estabelecida pelo Santo Ofício:

... fora acusado de apostasia pela Inquisição. Depois, morreu na prisão, em consequência dos graves ferimentos que recebeu por seu orgulho, ao

⁴² “...Islam’s conquests were brilliant...The growth of ideas and cultures are largely determined by which country is conquered. From that point of view, Islam is quite an elastic religion” (ALI,2007,p.03)

⁴³ The sumptuously bound and decorated volumes were a testament to the arts of the Peninsular Arabs (...) The compositions they contained had been the envy of scholars throughout Europe. (op.cit,1993,p.3)

*ser torturado pelos monges. Para completar, teve todos os dedos quebrados.*⁴⁴

Muito se tem escrito sobre a Inquisição, publicações de diferentes linhas, de matizes variados. Esse assunto não se limita apenas à Literatura, nos campos científicos ou ficcionais; há exposições, filmes (**O Nome da Rosa** é o filme mais comentado e discutido, no mundo acadêmico), documentários que discutem esse tema sob diferentes óticas, bem como outros recursos midiáticos disponíveis na Era da Globalização. No entanto, pouco se abordou sobre seu aspecto sistemático ou sobre seu esquema representativo tão peculiar, em diferentes nações, devido a contextos tão singulares.

Em sua obra *História medieval da Península Ibérica*, Adeline Rucquoi pontua:

A diversidade é a principal característica da história da Península Ibérica entre os séculos VI e XVI. Essa diversidade não é, decerto, própria da história hispânica, mas o mundo medieval ibérico parece-nos marcado pela persistência das variedades no seio de uma entidade que é, por vezes, difícil de entender na prática e que, no entanto, existe sem contestação: Hispania, a Espanha. (RUCQUOI, 1995, p. 11)

O termo inquisição carrega, em seu sentido institucional, a ação de investigar: o tribunal eclesiástico foi estabelecido para pesquisar e castigar os delitos contra a fé e contra os costumes. A heresia é considerada uma perversão dos costumes e provoca na sociedade inquietações, perturbações nas consciências, sem contar com o estímulo à desobediência e à rebelião.

A Inquisição, em solo espanhol, trouxe muitas modificações, se comparado ao processo instaurado no Período Medieval, embora a tônica, assim como em todos os tribunais da Inquisição, tenha sido a perseguição das heresias, além de servir como modelo a Portugal, que instaurou seu período inquisitorial cinquenta anos depois. A partir de 1478, com a bula assinada pelo Papa Sisto IV, fica a critério da Coroa a nomeação, revogação e substituição dos três

⁴⁴ “... Had been charged with apostasy by the Inquisition. (...) He had later died in prison from the deep wounds sustained by his pride during torture by the monks. As a finale, fingers had been snapped off each hand. (op. cit, 1993, p. 5)

inquisidores, eximindo, dessa forma, à Cúria Romana de tal responsabilidade. Segundo Francisco Bethencourt (2000):

A Inquisição Espanhola (criada em 1478), tal como a Inquisição Portuguesa (estabelecida em 1536), tem como um estatuto particular que se traduz por uma quase completa independência de ação em relação à Cúria Romana... (BETHENCOURT, 2000, p. 10)

O estatuto que norteia a ação dos membros inquisitoriais foi imposto pelos reis a todas as pessoas, independentemente de seus privilégios e de seu nível social. Exigia-se, da justiça civil, a execução obediente de todas as ordens do Santo Ofício, até mesmo em sentenças que não estavam atreladas a delitos da fé (situação plenamente reconhecida pelo Vaticano).

A instrução dos processos heréticos, concretamente, se orientava a partir do controle dos indícios, da obtenção da confissão dos acusados, objetivos centrais que justificavam a existência de tribunais inquisitoriais.

A credibilidade das denúncias pautava-se pela verificação da “qualidade” das testemunhas, por seu “prestígio” entre os vizinhos e pela observação de seu comportamento no momento do depoimento. As testemunhas das investigações eram mantidas no anonimato e seus depoimentos alterados com o intuito de não ter revelados os nomes dos envolvidos no processo. A infâmia do denunciado não trazia uma mancha apenas para si, mas para toda a família:

Na Espanha, como em todos os lugares, as pessoas se valiam da Inquisição para resolver pendências antigas, para realizar uma vingança pessoal (contra vizinhos e parentes e para eliminar rivais nos negócios) (...) um número crescente de pessoas começou a temer os vizinhos, sócios comerciais, na verdade qualquer pessoa com quem pudessem ter algum tipo de antagonismo. (TWISS, 2004, p. 90)

Nesse panorama histórico, em 1483, com a criação do *Consejo de la Suprema Y General Inquisición* e a figura de Tomás de Torquemada (conhecido como ‘Lenda Negra’, devido à responsabilidade pela prisão, tortura e morte de milhares de espanhóis inocentes) como primeiro inquisidor-geral, houve a instituição de instruções e atitudes que visavam à organização dos procedimentos inquisitoriais: o comportamento dos inquisidores em relação às pessoas que se

confessavam durante o tempo de graça (que durava, em média, um período de trinta dias e era forte instrumento de denúncia); a regulamentação da prática de tortura; a publicação de éditos (que ditavam à população regras de comportamento); o castigo de pessoas que apresentavam testemunhos falsos; o estabelecimento de princípios éticos para oficiais da Inquisição; a elaboração da estrutura dos tribunais de distrito, dentre outras medidas que foram modelares ao governo português, cinquenta anos depois:

Em vista das suspeitas surgidas contra ele e das evidências, está condenado a ser torturado pelo tempo que for julgado necessário para que fale a verdade. Se, durante a tortura, morrer ou sofrer derramamento de sangue ou mutilação, o fato não deve ser atribuído aos inquisidores, mas a ele, por não falar a verdade. (TWISS, 2004, p. 81)

Sendo assim, o inquisidor-geral detinha, em suas mãos, todas as comutações de penas, as apelações de sentenças de tortura, bem como a conclusão de processos em que votos se dividiam entre representantes da diocese e inquisidores.

Através desse subterfúgio, os inquisidores gozavam de grande autonomia; podiam castigar pequenos delitos no próprio local, prender os suspeitos de desvios mais graves e instaurar processos, além de aplicar multas e confiscar bens (que eram fundamentais para a manutenção material da instituição). Como os inquisidores eram o “rosto do tribunal”, exerceu-se pressão constante para que eles não se misturassem, nem com a população, nem com as autoridades, exceto em cerimônias previstas. Esse rigor comportamental estendia-se à convivência social mais íntima:

... os inquisidores não devem sair sem motivos razoáveis de suas casas; não devem fazer visitas, mesmo de amizade, aos membros de outros tribunais, aos cônegos ou aos bispos, sem assegurada a reciprocidade; não devem comparecer às festas da cidade nem a outras cerimônias públicas, civis ou religiosas, sem que lhes esteja garantido um lugar compatível com seu estatuto. (TWISS, 2004, p. 133)

O romance histórico reconfigura as grandes transformações da História sentidas coletivamente. Suas influências estão marcadas na vida cotidiana do povo

através de mudanças materiais e psíquicas, visto que a Inquisição foi estabelecida para monitorar e impor a pureza religiosa. As implicações da Reconquista Cristã acarretaram o despertar do sentimento nacional tanto para muçulmanos, pertencentes a diversos extratos sociais, quanto para judeus, que perderam o direito à prática de sua fé, ao exercício aberto de suas especificidades culturais e de sua cidadania.

A narrativa marca o constante ambiente de incertezas, o medo do que acontecerá em um futuro próximo, com transformações viscerais em todos os segmentos sociais independente da cultura, religião, nível social e econômico da população granadina. Com a presença do inimigo, todas as personagens, se mobilizam e mostram sua força para restabelecer a ordem. É uma luta coletiva que não cabe apenas ao herói da narrativa, mas à coletividade. No mesmo ano da rendição de Granada, Isabel expulsou dezenas de milhares de pessoas da Espanha por se recusarem a renunciar de sua fé:

*Após duas horas de batalha dura, a chacina terminou. Todos os defensores estavam mortos. Tecelões e oradores, fiéis e falsos profetas, homens e mulheres lutaram juntos e morreram juntos.*⁴⁵

Por outro lado, esse clima de incertezas traz um lado positivo: antes da Reconquista, a família al-Hudail preocupavam-se com situações corriqueiras, que ostentassem sua condição social, com amenidades que estavam à margem da realidade:

*Essa família - que, por séculos, não pensou em nada além dos prazeres da caça, da qualidade do escabeche usado por seus cozinheiros para assar o cordeiro, ou das novas sedas que chegavam de Granada provenientes da China - naquela noite estava enfrentando a História.*⁴⁶

C. O papel da mulher

⁴⁵ “After two hours of fierce fighting, the killing was done. All of the defenders lay dead. Weavers and rhetoricians, true believers and false prophets, men and women, they had fought together and died in view of each other.” (op,cit, 1993,p.232)

⁴⁶ This family, which for centuries had not thought about anything more demanding than the pleasures of the hunt, the quality of the marinade used by the cooks on the roast lamb being grilled that day, or the new silks which had arrived in Gharnata from China, was tonight confronting history.(op.cit, 1993,p.124)

Com a presença de crises históricas na vida de um povo, nota-se a presença de qualidades sensíveis, fortes, decididas e heróicas como forma de reação ao momento de opressão vivido na coletividade:

*As mulheres, para grande espanto dos cristãos, mostraram uma enorme coragem. Não eram criaturas fracas e mimadas que viviam num harém, como diziam as histórias fantasiosas que os cristãos tinham ouvido.*⁴⁷

Uma vez mais, o muçulmano é observado a partir de outra ótica: a mulher não é um objeto ornamental ou subjugado pela figura masculina; ela é detentora de opinião, é respeitada e luta para salvar a aldeia. Tal relato desmistifica a estandardização do muçulmano pelo Ocidente (representado, na obra, como o cristão): de um lado, o libertino, o intolerante, o terrorista, o fundamentalista religioso; do outro, o exótico, o fantástico, o idealizado.

As vozes das personagens femininas estão vivamente presentes, no decorrer da obra, destituindo o conceito de que a mulher não tem voz ativa em uma família de berço islâmico: embora Ama seja uma empregada da casa, ela desfruta de privilégios, conhece detalhadamente cada membro da família al-Hudail, descortina sua posição frente ao processo de cristianização, sem sofrer qualquer tipo de represália; Hind é respeitada por seus pais por sua maneira intempestiva de ser, exprime suas opiniões sem o receio da reprimenda ou reprovação dos membros masculinos de sua família, tem vontade própria e não cede aos caprichos de seu tio-avô de fazê-la casar por conveniência (sua fala confronta com a autoridade e universo argumentativo de Miguel que a admira por sua conduta); Zubayda tem um lugar primordial na família de Omar que não sente a necessidade ter uma segunda esposa, condição aceita pelo Islã. Nota-se constantemente a abertura ao diálogo com o marido que a trata com distinção e nutre grande sentimento por ela.

Zubayda é uma personagem afortunada. É amada por seu marido, respeitada na aldeia, possui idéias não retrógradadas na educação de seus filhos, especialmente, no trato com suas filhas Hind e Kulthum. Além disso, ela goza de

⁴⁷ The women, to the great astonishment of the Christians, displayed a boundless courage. There were not the weak and pampered creatures of the harem about whom they had been told so many fanciful stories.(op.cit,1993,p.232)

estabilidade, respeito e proteção devido à maternidade, um dos pontos de grande significação para sociedade árabe-muçulmana.

Em uma de suas entrevistas, Tariq Ali justifica a construção das personagens femininas do romance:

*O que foi escrito sobre os períodos em que se situam meus romances, indica que as mulheres de sociedades islâmicas eram indivíduos poderosos (...). Em meus romances, queria romper o mito racista de que as mulheres árabes são apenas vítimas.*⁴⁸

Essa outra visão da mulher árabe pode ser constatada através da História: tanto no Califado Abássida em Bagdá como no Império Otomano, as mulheres desempenhavam papéis importantes na sociedade, destituindo a imagem frágil da figura feminina, confinada em haréns e alheia ao mundo exterior:

*Elas podem não ter exercido o poder diretamente, mas o fizeram atrás dos bastidores. Elas foram muito fortes em várias ocasiões... especialmente na Espanha Islâmica onde as mulheres escreviam poesia nos séculos IX e X. Esse fato chocaria as pessoas.*⁴⁹

Nos textos sagrados, a figura feminina é veementemente evocada: Eva, a Rainha de Sabá, a mulher de Noé, Maria, para quem duas suratas são quase exclusivamente dedicadas, dentre outras:

Essas damas e ainda outras que têm o privilégio de uma menção alcorânica, constituem o esboço muçulmano do eterno feminino que nunca cessou de sonhar. (BOUHDIBA,2006,p.37)

Através desses textos, o Islã garante a igualdade existente entre homens e mulheres, diferenciados apenas pela intensidade de sua fé. Homens e mulheres são almas gêmeas e detentores da mesma essência. Desse modo, com a premissa da igualdade entre fiéis, a idéia de que a mulher representa o Mal, ao passo que o Homem é revestido somente de virtudes é totalmente repudiada :

⁴⁸ “Lo que se ha escrito acerca de los períodos en que se sitúan mis novelas indica que lãs mujeres en las sociedades islâmicas eran individuos poderosos. (...) Em mis novelas queria romper este mito racista de las mujeres árabes exclusivamente como víctimas.” (ALI,2006, p.5)

⁴⁹ They may not have exercised powers directly but they exercised power behind the scenes. They were very strong women in many cases... especially in Islamic Spain where you have Muslim women poetry in the 9th and 10th century which would shock people.”(ALI,2007,p.3)

A quem praticar o bem, seja homem ou mulher, e for crente, concederemos uma vida agradável e premiaremos com uma recompensa, de acordo com a melhor das suas ações. (16ª Surata, An Nahl, versículo 97)

Outro fato que refuta a afirmação de que os preceitos muçulmanos renegam a importância da mulher é a própria biografia de Muhammad: as quinze mulheres com as quais o profeta teve relações comerciais, as quatro filhas, sua própria mãe, sua ama-de-leite e, especialmente Khadijah, nobre mulher de negócios e sua primeira esposa. Ela foi uma das figuras próximas ao Profeta no momento em que ele recebeu a revelação, além de tê-lo oferecido estabilidade material nessa fase.

D. Os Cristãos-Novos

Na Espanha, os cristãos novos foram alvo de constante desconfiança. Antes do período de perseguição, desfrutavam de certa simpatia por parte da nobreza; estavam enraizados na administração dos reinos e mesmo no governo de certas cidades. Exerciam atividades importantes como financistas, mercadores e artesãos, gerando, desse modo, conflitos com os cristãos-velhos:

... a designação de “cristãos-novos” é geralmente reservada aos descendentes de judeus convertidos, enquanto os muçulmanos assimilados pelo cristianismo são chamados “mouriscos”; os indianos, “gentios”; e os mestiços ou os africanos, paradoxalmente, chegam a ser considerados cristãos-velhos. Podemos dizer que todos eram cristãos, mas sua integração não era plena...(BETHENCOURT, 2004, p. 343)

Na medida em que os processos de acusação recaíam sobre eles, esse grupo social passou a não gozar de integração plena. Sofriam preconceitos e graduações, além de correrem o risco de serem denunciados por qualquer pessoa, até por seus escravos e de sofrerem as piores punições processuais.

Como forma de escapar de tal situação, acontece um processo de imigração maciça, principalmente por parte dos judeus convertidos, que podiam recuperar sua religião de origem em outro país com maior tolerância ou manter a ambigüidade religiosa, de grande conveniência no mundo dos negócios.

Assim como a instauração dos tribunais inquisitoriais ocorreu em épocas e maneiras distintas, em virtude das particularidades de cada contexto social, os decretos de abolição aconteceram em diferentes momentos, nos diversos países europeus.

O processo de conversão tanto do judeu quanto do muçulmano não era uma medida interessante aos cristãos, visto que a partir do momento em que esses povos aceitassem a nova religião, seus bens não poderiam ser confiscados, dando a possibilidade cristã de obter lucros através dos infiéis:

... a descrição detalhada de como terras, casas e propriedades foram confiscadas pela Igreja Católica e a Coroa em muitas cidades. (...) não queriam ser expulsos das terras que eles e seus ancestrais cultivavam há séculos. Se a única maneira de salvar seus lares era a conversão, então, para sobreviver, muitos o fariam.⁵⁰

Frente à situação instaurada, os não seguidores do Cristianismo possuíam três caminhos a seguir: a conversão, a fuga como fez o sultão Abu Abdula ou a luta armada.

Por outro lado, com a conversão e a expulsão dos infiéis pelos soldados em nome de Deus na Reconquista e nas Cruzadas, o inimigo reaparece sob nova roupagem: o convertido pro forma.

De fato, muitos convertidos pertencentes a esse grupo mantiveram sua língua, seus costumes, sua fé professada clandestinamente recusava comer toucinho ou beber vinho, ou casar-se com cristãos ou cristãs. Essas atitudes ocasionaram um “racismo teológico” que explica o temor dos cristãos em ver seus domínios minados por seus inimigos de sempre que, com a camuflagem proporcionada pela conversão podiam transitar e agir tranquilamente pela sociedade, tornando-se mais perigosos.

Entretanto, converter-se ao Cristianismo não significava o alívio ou diminuição dos sofrimentos, das agruras na vida, visto que a felicidade, do ponto de vista católico, não faz parte desse mundo; a conversão é a garantia da salvação

⁵⁰ ... the detailed descriptions of how land and estates and property in several towns had been seized by Catholic and the Crown. (...) They did not want to be driven off the lands which they and their ancestors before them had cultivated for centuries. If the only way to save their homes was to convert, then many would undergo that ordeal in order to survive. (ALI,1993,p.47.).

da alma, da redenção dos pecados e manutenção de bens materiais: “*Só os malditos anseiam ser felizes neste mundo*”⁵¹

Logo no início da ficção, notam-se alguns indícios do desfecho a que serão levados certos personagens: o sentimento de repulsa de Zubayda frente aos rituais católicos, a não conversão de Umar por vontade própria, traindo suas convicções: “... *de uma vez por todas que nunca me converterei voluntariamente.*”⁵²

Além disso, o romance analisado aborda a ação dos inquisidores em investigar a veracidade das conversões, com a existência de um inventário de todas as propriedades e bens pertencentes tanto a mouros quanto a judeus:

‘Meu pai diz que mesmo que realmente nos convertamos, eles acharão outras formas de roubar nossa propriedade... Olhe o que eles têm feito com os judeus.’

*‘Aqueles sanguessugas de Roma que se promoveram a Papas, venderiam a própria Virgem Maria para encher os bolsos...’*⁵³

Todavia, os verdadeiros conversos gozavam de certos privilégios, graças à liberdade de ação que lhes concedia o batismo, ou em virtude de alianças por casamentos aos cristãos-velhos, ocuparam postos eminentes na hierarquia eclesiástica e nas ordens religiosas ou exerciam outras funções mais brilhantes do que aquelas a que podiam desempenhar anteriormente.

Tais privilégios ocasionaram frustrações, invejas dos cristãos-velhos e, por essa razão, houve a criação de estatutos espanhóis de “pureza de sangue” que coibia a ascensão social do cristão-novo.

Em muitas passagens da narrativa, a certeza desse tipo de conversão, de modo não teológico, é abordada:

Se você matar os homens, as mulheres e os filhos deles ficarão com um ódio cego de tudo que seja cristão. Para salvar suas vidas, vão se

⁵¹ “Only the damned seek happiness in this world.” (op.cit.,1993,p.125)

⁵² “... once and forever that I will never convert voluntarily.”(op.cit,1993,p.24)

⁵³ ‘My father says that even if we do convert they will find other means to steal our property. (...) Look at what they’ve done to the Jews.

‘Those bloodsuckers in Rome who set themselves up as Popes would sell the Virgin Mary to line their pockets.’ (op. cit., 1993, p.160)

*converter, mas isso vai ser um veneno. (...) Um veneno, inoculado permanentemente em nossa pele.*⁵⁴

Não importa o motivo da conversão: os cristãos-novos eram sempre vistos como infiéis ou traidores: esse sentimento de animosidade não era característica apenas dos membros da Igreja, dos inquisidores, mas também do cidadão comum: todos os motivos que levavam à conversão em massa, não garantiam a presença real da Fé nos novos convertidos.

*Odiosos, invertebrados, confusos, estúpidos, desgraçados... Todos os dias, eles vêm me ver; alguns, por medo; outros, para protegerem seu futuro. Prontos a trair a própria mãe se...se...se...sempre se... a Igreja garantir suas propriedades; se a Igreja não interferir em seus negócios...*⁵⁵

Essa desconfiança tinha suas vantagens econômicas: a partir do momento em que suscitava a dúvida em relação ao novo converso a Igreja confiscava todos os seus proveitos, aumentando maior arrecadação a essa instituição religiosa.

O cristão-novo, por sua vez, sentia-se ultrajado, humilhado por ter optado pela conversão para poder sobreviver e manter seus bens materiais:

*... com seus olhos traindo a tristeza e humilhação que sentia por si mesmo (...) Ibn Hixam queria estar morto, mas deu um sorriso sem graça, amaldiçoando-se por seu servilismo.*⁵⁶

Diante dessa situação, os reis católicos obtiveram do Papa uma bula que instituía o processo de Inquisição. Sob o comando do dominicano cristão-novo Torquemada, cerca de duas mil vítimas foram à fogueira, na maioria conversos.

As penas para o crime de heresia não eram apenas atribuídas ao réu, mas a todos os membros de sua família: além da excomunhão e confisco de todos os

⁵⁴ If you kill their men, the women and children will become filled with a blind hate of everything Christian. To save their lives they will convert, but it will be a poison. (...) A poison, permanently embedded in our skins. (ALI, 1993, p. 227)

⁵⁵ 'Hateul, spineless, witless wretches... Every day they come and see me. Some out of fear. Others to protect their future. Ready to betray their own mothers. If...if...if... always an if...if the Church will guarantee their property; if the church will not interfere with their trade...' (op.cit., 1993, p. 122)

⁵⁶ "... his eyes betraying the sadness and humiliation which he had inflicted upon himself (...) instead he smiled weakly, cursing himself for his servility." (op.cit. 1993, p. 122)

bens, havia a inabilitação dos seus descendentes ao exercício de diversos cargos e profissões.

Assim, a Inquisição foi motivada e mantida devido ao medo cristão do inimigo renascente: a heresia que parecia perseguir a Igreja e os verdadeiros fiéis de Deus e o processo inquisitorial seria o antídoto eficaz para eliminar definitivamente sua ação.

O texto acomete o organizado e autônomo sistema de informações e articulação da Inquisição na península ibérica: com estrutura hierárquica complexa, atrelada ao poder real, desde o início, assumindo o papel de criar o tribunal e garantindo sua presença em momentos decisivos para fortalecimento dessa instituição:

*... que a Santa Inquisição abra imediatamente uma representação em Granada e que seus integrantes sejam logo enviados para esta pecadora cidade para colher as provas. Dois ou, no máximo, três autos-de-fé farão com que essa gente veja que não pode brincar com o poder que Deus colocou para governá-la.*⁵⁷

Embora a Igreja fizesse acareações e interrogatórios, a punição para delitos mais graves, como a heresia e a apostasia, eram aplicadas pelas autoridades civis e não pela Igreja, que tinha o direito canônico a seu favor: a partir do momento em que o indivíduo sofria excomunhão, ele era entregue à Justiça civil, que exercia o papel de impetrar a execução.

O capitão que comanda a invasão da aldeia al-Hudayl assim como Cisneros não é fruto da imaginação de Tariq Ali: ele é a reconfiguração de Hernan Cortez, um dos mais experientes líderes militares do reino católico espanhol:

*Vinte anos depois, o vencedor de al-Hudayl estava no auge do seu poder, considerado por todos um dos mais experientes líderes militares do reino católico da Espanha.*⁵⁸

⁵⁷ "... the Holy Inquisition opens an office in Granada without further delay and its familiars be dispatched to this sinful city immediately to collect evidences. Two, or at the most, three autos de fe will make these people understand they can no longer trifle with the power which Gods has willed to rule over them." (op.cit.,1993,p.118)

⁵⁸ "Twenty years later, the victor of al-Hudayl, now at the height of his powers and universally regarded as one of the most experienced military leaders of the Catholic kingdom of Spain..." (op.cit, 1993,p.240)

Com o fortalecimento político após a Reconquista, tanto Espanha como Portugal tornaram-se as primeiras nações europeias a patrocinar grandes explorações ultramarinas, chegando ao hemisfério ocidental quase ao mesmo tempo.

Frente ao cenário histórico da época, é pertinente Tariq Ali terminar seu romance no continente americano, vinte anos depois: a política de ‘extirpação’ da idolatria adotada na península foi usada na América: “*A América Latina nasceu em meio a sangue e fogo, conquista e escravidão.*” (CHASTEEN,1955,p.15)

Através da História, sabe-se que a Reconquista Cristã moldou fortemente as instituições e a mentalidade tanto de portugueses quanto espanhóis: esse processo histórico trouxe o constante desafio de anexar novos territórios e subjugar populações que não compactuassem com o ideal cristão. À medida em que foram conquistando territórios, expulsando mouros e judeus, enriquecendo financeiramente os reinos espanhóis e portugueses, com o confisco de bens, fundando novos centros urbanos, os dominadores cristãos acreditavam que o procedimento de colonização através da destruição dos inimigos deveria ser empregado em futuras conquistas. Desse modo, da mesma forma que lidaram com os considerados infiéis na Península Ibérica, seu método de domínio foi repetido no momento em que eles chegam à América.

Embora o delineamento de Cortez fique inacabado, suspenso, o leitor pode adquirir informações sobre o processo de colonização na América através de bibliografia especializada. No final da obra, ele chega ao continente americano, em Tenochtitlan, com a função de colonizar o Novo Mundo aos moldes cristãos. Nesse momento, com a construção dessa personalidade histórica, o autor estabelece uma relação de similitude entre as conquistas cristãs na Espanha e na América do Sul:

Cortés é diferente. Aqui eu estava fazendo um ponto histórico com àqueles que mataram, em Andaluz, que aprenderam a lutar são os mesmos que conquistaram a América do Sul... recentemente, li em uma história sobre a América do Sul, escrita por Eliot que quando Cortés

*viu os templos em Tenochtitlan pela primeira vez, disse: “Olhe mesquitas.”*⁵⁹

Ao analisar o processo de colonização da América Latina, Hernan Cortez, em 1519, depara-se com a mesma situação em que a península ibérica encontrava-se antes do período da Reconquista:

Uma grandíssima província (...) grandes cidades de maravilhosos edifícios, de muitas riquezas e de excelente tratamento. A mais maravilhosa é Tenochtitlan, edificada com maravilhosa arte sobre uma lagoa. (CORTEZ,1996,p.5)

Assim como na Espanha sob domínio mouro, o Império Asteca dispunha de uma sofisticada organização tanto do ponto de vista social quanto econômico:

Esta grande cidade de Tenochtitlán está fundeada em uma lagoa (...) é tão grande como Sevilha e Córdoba (...). Há todos os gêneros de mercadorias que se conhece na terra desde jóias de ouro, prata e cobre, até galinhas, pombas e papagaios.(id,1996,p.45)

Em vários trechos da obra *O fim de Montezuma*_(1996), Cortés refere-se ao local de orações asteca como mesquita; tal construção assemelha-se às mesquitas espanholas, em virtude de sua suntuosidade e riqueza estética: *“Há uma mesquita principal que não existe língua humana que consiga descrever a sua beleza e as suas particularidades.”*

Tanto na Espanha quanto na América Latina, o colonizador cristão não usufrui das benesses das civilizações conquistadas: embora tenha noção do grande acervo cultural encontrado, não preserva essa riqueza como se pode notar no processo civilizatório conduzido pelo muçulmano: ele destrói violenta e indiscriminadamente.

4.5. A Metáfora no Jogo de Xadrez de Yazid.

⁵⁹ “Cortes is different. Here I was making a historical point that those who killed in al-Andalus and learn to fight were the same who carried it on in South America... I recently read in a new history of South America by Eliot that when Cortes first saw the temples in Tenochtitlan he said; “Look, mosques.” (ALI,2007)

Outro ponto capital é a apresentação do jogo de xadrez de Yazid, irmão mais novo do herói. Presente de seu décimo aniversário esse jogo foi esculpido pelo carpinteiro da família de Juan, como forma de vingança pela morte de seu pai, acusado de apostasia pela Inquisição, esse jogo é uma metáfora do momento histórico que norteia toda a narrativa: o conflito entre árabes e cristãos. O monarca, assim como as outras peças que representam os árabes, é descrito com suntuosidade, com aspectos humanos, ao passo que os cristãos são negros e têm formas monstruosas.

O jogo de xadrez dá a dimensão de como o árabe se identifica antes da conquista, fase de Ouro, com a presença do avanço e da magnificência construída no decorrer dos séculos em contraste com a violência e a destruição, trazidas pelo conquistador cristão.

Desse modo, o “subversivo” jogo de xadrez de Yazid evidencia o fato histórico através da composição de suas peças:

*Os cavaleiros erguiam suas mãos ensangüentadas. Os dois bispos tinham olhos de Satanás, seguravam punhais e tinham nas costas chicotes que pareciam rabos.*⁶⁰

As descrições de fatos históricos, assim como os objetos mencionados no texto são apresentados concisamente, com o objetivo investigativo. Segundo Lukács, o que é descrito deve coadunar efetivamente com o evento histórico narrado, isto é, a descrição deve estar a serviço da elucidação do processo histórico:

As coisas só têm vida poética enquanto relacionadas com acontecimentos de destinos humanos. (...) o verdadeiro narrador épico não as descreve e sim conta a função que elas assumem vidas humanas. (LUKÁCS,1965,p.73).

Uma das peças do jogo de xadrez, além de refletir o panorama histórico narrado, faz parte do universo interior de Yazid. A rainha, figura que representa a rainha católica, torna-se confidente do personagem, ou seja, ela é com quem o

⁶⁰ “The knights raised blood-stained hands. The two bishops were sculpted in the shape of Satan; both were clutching daggers, while whip-like tails protruded from behind.”(op.cit.,1993,p.7)

menino pode contar, embora em seu âmago ele possua sentimentos paradoxos: ao mesmo tempo em que ele se sente fascinado pela peça, ele simultaneamente sente medo da “rainha negra.”

Esse sentimento do menino pode ser explicado pelo medo do desconhecido, do devir; fica patente o receio não só de Yazid, mas de todos os moradores da Espanha. Com a dominação cristã, o futuro dos seguidores de outras religiões ficava à mercê da vontade da Santa Sé.

4.6. Outro romance histórico sobre a Reconquista.

Granada, romance histórico escrito pela egípcia Radwa Ashour, oferece uma contribuição significativa ao estudo das ações e conseqüências nefastas que o processo da Reconquista trouxe tanto para judeus quanto muçulmanos: em vários momentos, essa obra corrobora com as informações dadas por *Sombras da Romãzeira*: insatisfação e reação da população granadina frente à quebra do contrato de rendição assinado pelos reis católicos e Boabdil que garantia aos não seguidores da Igreja direito à propriedade e prática de sua fé; o papel que ocupa a figura feminina: pode-se exemplificar essa questão a partir das adolescentes Saleema (*Granada*) e Hind (*Sombras da Romãzeira*), visto que ambas possuem vontade própria e seus responsáveis não vêem o matrimônio como meta primordial em suas vidas: a primeira personagem se destaca por sua inteligência excepcional, ao passo que a segunda é detentora de irreverência, autenticidade, além de ter iniciado sua vida sexual antes de seu casamento por amor e não por conveniência; presença do auto-de-fé, que culminou com a destruição de obras de suma importância a diversas áreas do conhecimento humano.

Outro ponto de concordância é que as duas obras centram-se em dramas coletivos. As personagens, de todas as classes sociais, testemunham perdas inimagináveis nesse período histórico. Elas não podem escolher ou escapar de seu destino: “*Não temos o privilégio de escolher entre uma coisa ou outra. É nosso destino!*”⁶¹

⁶¹ “We don’t have the privilege of choosin one thing or another. It’s our fate!” (ASHOUR,2003,p.09)

Em outras passagens de Granada, nota-se a complementação de dados: as perdas financeiras sofridas pelos comerciantes não cristãos da cidade que vêm suas lojas vazias, após o domínio católico e o processo de emigração aos recalcitrantes; a conversão pública após intensa tortura de Hamid al-Thaghri, personagem que representa figura importante à sociedade; formação de um governo independente composto de quarenta homens totalmente desarmados que tentam impor limites à coerção dos dominadores cristãos.

Além disso, há personagens nos dois romances que colocam em xeque o poder divino que não interfere em favor de seus fiéis: em *Granada*, por exemplo, Abu Jaafar, ao colocar em prova o poder de Deus, constata seu distanciamento e até sua inexistência; em *Sombras da Romãzeira*, Zuhayr ao se despedir do cozinheiro de sua casa, após a população de sua aldeia, assim como sua família terem sido massacrados pelos cavaleiros cristãos afirma que “*Alá nunca protege.*”⁶²

Outro ponto importante é a apresentação de Cisneros: na obra de Ashour, ele é inicialmente apresentado de forma mais branda, ou seja, como Arcebispo de Toledo, Francisco Ximenes de Cisneros chega à Granada em julho de 1499 com o objetivo de se reunir com os estudiosos do Corão. Nesse encontro, age de maneira respeitosa e traz presentes para agraciá-los. Na medida em que o romance se desenrola, o arcebispo realmente mostra seus reais objetivos: a conversão forçada e a subjugação dos não cristãos.

A abordagem de Cisneros é diferente em *Sombras da Romãzeira*: ele age sem qualquer subterfúgio, além de suas fraquezas serem desveladas no decorrer da narrativa: “*Ximenes os encarou e sorriu. A voz que deu as ordens era sem firmeza e os cavaleiros acharam estranho.*”⁶³

Contudo, nessas duas obras, Cisneros é a figura que representa a instituição vilã das duas histórias: ele é o mandante de todas as ações que desencadeiam a intolerância e a perseguição aos mouros e judeus, além da destruição de grande parte do legado mouro existente na Península Ibérica:

⁶² “ He never does...” (ALI, 1993, p.239).

⁶³ “Ximenes looked up at them and smiled. The voice which gave them the instructions had no clang to command” (ALI, 1993,p.1)

*Expulsemos Ximenes de Granada. Ele foi quem mandou nossos livros serem queimados e forçou al-Thaghri a se converter após meses de tortura. Ele é a fonte de toda nossa miséria.*⁶⁴

Nota-se que os dois romances em questão reconstituem o passado, permitindo a apreensão da realidade de uma forma particular com a atribuição de novo sentido, além do histórico: “... *muçulmanos espanhóis estabeleceram uma escola de línguas em que os principais textos gregos e latinos, tornando-os acessíveis na Europa.*”⁶⁵

⁶⁴ “Expel Ximenes from Granada, for it is he Who ordered our books to be burned out and forced al-Thaghri to convert after months of torture. He is the source of all our misery” (ASHOUR,2003,p.56)

⁶⁵ “Learning came with Islamic civilisation. This was the civilisation that became a conduit, a bridge between the ancient world and today’s world. (op.cit, p.6)

5. ... FINAIS...

Após as ocorrências de 11 de setembro, a indústria editorial tem publicado inúmeras obras, com o intuito de “desvendar” o universo complexo da cultura islâmica. A maioria das publicações carrega em seu bojo informações sensacionalistas sobre o Islã e o terror; seus relatos afirmam ter alcançado o âmago desses “estranhos povos orientais” que têm carregado o estigma do terrorismo, da intolerância, do fundamentalismo religioso.

Além disso, muitas publicações não alcançam seu objetivo primordial: esclarecer, informar com seriedade, respeito, responsabilidade e amplitude sobre esse universo tão peculiar, em primeira instância, e, ao mesmo tempo, tão plural quando analisado em seu contexto, em sentido mais amplo, levando em consideração toda uma gama de aspectos (geográficos, históricos, lingüísticos, políticos, econômicos e sociais).

Há tempos, a idéia de “Oriente” carrega a falsa premissa de que se o indivíduo conhece superficialmente um dos países que fazem parte do mundo árabe, tem condições de abalzar profundamente esse universo, de opinar, de manipular informações:

É bastante comum ouvir altos funcionários de Washington e de outros lugares falando em mudar o mapa do Oriente Médio, como se sociedades antigas e miríades de povos pudessem ser sacudidas como amendoins num frasco (...). No processo, os inúmeros sedimentos de história que incluem incontáveis histórias e uma variedade estonteante de povos, línguas, experiências e culturas, tudo isso é desqualificado ou ignorado, relegado ao monturo, justamente com os tesouros esmigalhados até formar fragmentos insignificantes... (SAID, 2007 p.14)

Como conseqüência dessa atitude insana e ignorante, os aspectos culturais desses povos são considerados irrelevantes e até infantilizante pelas nações “civilizadas” do Ocidente. Conhece-se pouquíssimo da circulação da cultura islâmica entre outros povos, de sua contribuição, de sua multiplicidade e especificidade que, analisada adequadamente sem a ótica eurocêntrica, traria novo norte ao estudo da História da Arte e de outros campos do conhecimento humano.

Textos com pouca fundamentação histórica e imparcialidade incentivam a visão desumanizada do mundo muçulmano e repercutem nos confrontos do Oriente Médio na atualidade:

*... a cobertura dos meios ocidentais mostram os muçulmanos como terroristas. Assim, o que foi feito com um milhão iraquianos mortos desde a ocupação dos EUA e seus aliados não causa grande impacto sobre os cidadãos europeus.*⁶⁶

Além disso, os meios de comunicação retratam os países muçulmanos sob dois prismas: de um lado, o estigma de que todos os muçulmanos são atrasados, violentos, suprimem os direitos das mulheres, têm governos tiranos, são desprovidos de Cultura que, se estudada séria e adequadamente, suscitaria maior entendimento e, como consequência, maior respeito e tolerância; por outro, são considerados seres exóticos, carregam lembranças e paisagens encantadas, experiências extraordinárias, habitam ilhas da fantasia, não fazendo, desse modo, parte do contexto “geopolítico contemporâneo.

O romance *Sombras da Romãzeira*, assim como as outras obras que constituem o quinteto islâmico, procura mostrar a face da cultura muçulmana que destoa da maioria das obras expostas nas livrarias do mundo: a extraordinária organização das cidades espanholas sob domínio muçulmano, a grande contribuição desse povo em todos os segmentos epistemológicos e as perdas inimagináveis ocorridas com o desmembramento político do califado, presença da descontinuidade civil de séculos, da política instável, da fragmentação religiosa e étnica, da disputa pela superioridade entre as taifas, sem contar com o desgaste militar e social que favoreceram a recuperação territorial por parte dos cristãos.

As personagens desses romances trazem à tona todo o processo repressivo de domínio dos reis católicos que culminaram com a destruição de um largo patrimônio cultural, com a conversão pela força, com a execução de inocentes e, por fim, com a expulsão de judeus e muçulmanos da península ibérica.

⁶⁶ “... la cobertura de los medios occidentales, que se ha centrado en los musulmanes como terroristas. Así que el hecho que um millón de iraquies haya muerto desde La ocupación de Estados Unidos y sus aliados, no tiene gran impacto sobre los ciudadanos europeos.” (ALI,2008,p.3)

Sob esse aspecto, o romance histórico, embora não seja uma ciência como a História, é um rico instrumento de reflexão sobre os recortes feitos da realidade, com a presença constante da heterogeneidade que move as diversas civilizações que compõem a humanidade, embora aspectos ficcionais estejam presentes nesse tipo de texto. De acordo com Tariq Ali:

Um bom historiador deve basear-se em fatos e interpretá-los; um autor nunca deveria distorcer a História, mas está livre para imaginar todo o resto, especialmente as relações pessoais, a sexualidade, a alimentação etc.⁶⁷

Outro ponto que corrobora a função desse gênero romanesco é a possibilidade de suscitar o leitor à pesquisa de fontes históricas, a partir do seu interesse em confrontar dados ou situações abordadas na obra ficcional, levantar hipóteses, analisar os contrapontos e similitudes de conceitos ou comportamentos de uma determinada sociedade ou até mesmo verificar até que ponto o escritor fez uso de seu imaginário para reconfigurar o passado muitas vezes longínquo tanto para quem escreve quanto para quem lê.

Portanto, cabe ao leitor estabelecer suas conexões entre o texto e a realidade, de acordo com o seu universo de experiências, suas intenções e que a função social do passado evocada em uma obra de ficção possa conscientizar o Homem de seu papel no mundo, além de oferecer condições para que erros pretéritos não ocorram na atualidade.

⁶⁷ A good historian has to rely on facts and interpret them; a novelist should never distort history but he is free to imagine all else especially personal relations, sexuality, food, etc (CP de

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AHMAD, Aijaz. *Linhagens do Presente*. São Paulo: Boitempo, 2002.
- ALI, Tariq. *Confronto de Fundamentalismos*. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- _____. *Shadows of the Pomegranate Tree*. London: Verso, 1993.
- _____. *Sombras da Romãzeira*. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- ALONSO, Amado. *Ensayo sobre La novela histórica – el modernismo en La gloria de Don Ramiro*. Buenos Aires: Facultad de Filosofía y Letras de La Universidad de Buenos Aires, 1942.
- ARISTÓTELES. “Arte Poética”- IN *Crítica e Teoria Literária na Antiguidade*. São Paulo: Ediouro, 1989.
- ARMSTRONG, Karen. *Islã*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- _____. *Em Nome de Deus: o Fundamentalismo no Judaísmo, no Cristianismo e no Islamismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- ASHOUR, Radwa. *Granada : A Novel*. New York: Syracuse, 2003.
- BÁEZ, Fernando. *História Universal da Destruição dos Livros*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.
- BALZAC, Honoré de. *A comédia Humana*. Rio de Janeiro: Globo, 1955.
- BANN, Stephen. *As invenções da História: ensaios sobre a representação do passado*. São Paulo: Ed. Da Universidade Estadual Paulista, 1994.
- BAROJA, Julio Caro. *Las brujas Y su mundo*. Madrid: Alianza, 1984.
- BASTOS, Alcmeno. *Introdução ao Romance Histórico*. Rio de Janeiro: edUERJ, 2007.
- BETHENCOURT, Francisco. *História das Inquisições: Portugal, Espanha e Itália: Séculos XV-XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- BOFF, Leonardo. *Fundamentalismo*. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.
- BOUHDIBA, Abdelwahab. *A sexualidade no Islã*. São Paulo: Globo, 2006.
- BRAUDEL, Ferdinand. *Escritos sobre a História*. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- BURCKHARDT, Titus. *La Civilización Hispano-Árabe*. Madrid: Alianza, 1989.

- CALVINO, Ítalo. *Assunto Encerrado- Discursos sobre literatura e sociedade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- CHASTEEN, John Charles. *América Latina: uma História de Sangue e Fogo*. Rio de Janeiro: Campus, 2001.
- CORTÉZ, Hernan. *O fim de Montezuma*. Porto Alegre: L&PM, 1996.
- DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- DEMURGER, Alain. *Os cavaleiros de Cristo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.
- DOZY, Reinhart P. *Historia de los musulmanes de España*. Espanha: Turner.
- ECO, Umberto. *Pós-Escrito a O Nome da Rosa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- FLETCHER, Richard. *A Cruz e o Crescente*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.
- FORSTER, E.M. *Aspectos do Romance*. Porto Alegre: Globo, 1969.
- GINZBURG, Carlo. “Entrevista a Jean Marcel Carvalho França”, *Folha de São Paulo*, 1º de dez. 2002.
- GIORDANI, Mário Curtis. *História do Mundo Árabe Medieval*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- GONCOURT, Edmond e GOUNCOURT, Jules. In ADAM, Antoine; LERMINIER, Georges; e MORT-SIR, Edouard (orgs) *Literatura Francesa*. Rio de Janeiro: Larousse do Brasil, 1972.
- GOODY, Jack. *O roubo da História* São Paulo: Contexto, 2008.
- HEGEL Georg Wilhelm Friedrich. *A razão na história: uma introdução geral à Filosofia da história*. São Paulo: Centauro, 2001.
- HOURANI, Albert. *Uma História dos Povos Árabes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens*. São Paulo: Perspectiva, 1996.
- HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

- LAUAND, Jean L. “*Shatranj - o Xadrez Árabe e a sua Transmissão ao Ocidente Medieval.*” in *O Xadrez na Idade Média*. São Paulo: Perspectiva Edusp, 1988.
- LE GOFF, Jacques. *A Civilização do Ocidente Medieval*. São Paulo: EDUSC, 2005.
- LUKÁCS, Georg. *La Novela Historica*. México: Era, 1971.
- _____. *Ensaio sobre Literatura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.
- MAALOUF, Amin. *As Cruzadas Vistas pelos Árabes*. São Paulo: Brasiliense, 2001.
- MARTINS, Oliveira. *História da Civilização Ibérica*. Portugal: Europa-América.
- MENOCAL, María Rosa. *O ornamento do mundo*. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- MENTON, Seymour. *La nueva novela histórica de La América Latina*. México: Fondo de Cultura Económica, 1982.
- MORRISSON, Cécile. *Cruzadas*. Porto Alegre: L&PM, 2009.
- NOGUEIRA, Carlos Roberto F. *Diabo no Imaginário Cristão*. São Paulo: Edusc, 2002.
- O’CALLAGHAN. *Reconquest and Crusade in Medieval Spain*. Philadelphia: Pennsylvania University, 2003.
- OZ, Amós. *De amor e trevas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- POLIAKOV, Leon. *De Maomé aos Marranos*. São Paulo: Perspectiva, 1996.
- RIBEIRO, José A. Pereira. *O Romance Histórico na Literatura Brasileira*. Conselho Estadual da Cultura, s/d.
- RUCQUOI, Adeline. *História Medieval da Península Ibérica*. Lisboa: Estampa, 1995.
- SAID, Edward W. *Orientalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- SEGOLIN, Fernando. *Personagem e Anti-Personagem*. São Paulo: Cortez & Moraes, 1978.
- TATE, George. *O Oriente das Cruzadas*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.
- TWISS, Miranda. *Os mais perversos da História*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2004.

VEYNE, Paul. *Acreditavam os gregos em seus mitos?* São Paulo: Brasiliense, 1983.

WHITE, Hayden. *Meta-história: a imaginação Histórica do Século XIX*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1992.

Bibliografia on-line

ALI, Tariq. Remembering Edward Said. *New Left Review*. 24 novembro 2003. Disponível em: <tariqali.org>. Acesso em 11 março 2008.

_____. Contra La Islamofobia. Entrevista a Tariq Alí. Dezembro 2006. Disponível em: <tariqali.org>. Acesso em 27 maio 2007.

_____. The Clash of Fundamentalisms. *New Left Review*: 11 março 2008. Disponível em: <tariqali.org>. Acesso em 11 março 2008.

_____. “El placer, inevitable”. *BBC mundo.com*: 5 maio 2008. Disponível em <HTTP//news.bbc.uk/spanish/specials> Acesso em 28 setembro 2009.

AHMED, Talat. Interview: Tariq Ali. *Socialist Review*: novembro 2006. Disponível em: <tariqali.org>. Acesso em 12 setembro 2009.

_____. An Interview with Amerasia Journal, 1 de agosto 2007. Disponível em: <tariqali.org>. Acesso em 12 setembro 2009.

ALI, Tariq. Granadillo Award for the Islam Quintet, 2 janeiro 2010. Disponível em: <tariqali.org>. Acesso em 12 janeiro 2010.

_____. Interview: Tariq Ali on Writing Novels, 1 fevereiro 2010. Disponível em: <tariqali.org>. Acesso em 2 fevereiro 2010.

DAM, Marcus. “A verdadeira ameaça é o fundamentalismo imperial”. *The Hindu*: 26 janeiro 2006. Disponível em: <tariqali.org>. Acesso em 12 fevereiro 2010.

Mensagens Pessoais

ALI, Tariq. *A research about your literary work*. Recebida por <dnpds@ig.com.br> em 20 novembro 2007.

_____. *A research about your literary work*. Recebida por <dnpds@ig.com.br> em 26 dezembro 2007.

_____. *Questions about your novels*. Recebida por <dnpds@ig.com.br> em 7 janeiro 2010.